



EDNÉIA MERCADO CAPOLETTI

**OPORTUNIDADES E DESAFIOS DA AÇÃO EMPREENDEDORA FEMININA
APÓS A MATERNIDADE**

CAMPO LIMPO PAULISTA – SP

2022

CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPO LIMPO PAULISTA

**MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO DAS MICRO E PEQUENAS
EMPRESAS**

EDNÉIA MERCADO CAPOLETTI

**Oportunidades e desafios da ação empreendedora feminina após a
maternidade**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Administração das Micro e Pequenas Empresas do Centro Universitário Campo Limpo Paulista para obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Coda

Linha de Pesquisa: Desafios da Ação Empreendedora

CAMPO LIMPO PAULISTA – SP

2022

**Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca Central da UNIFACCAMP**

C244o

Capoletti, Ednéia Mercado

Oportunidades e desafios da ação empreendedora feminina após a maternidade / Ednéia Mercado Capoletti. Campo Limpo Paulista, SP: Unifaccamp, 2022.

Orientador: Profº. Dr. Roberto Coda

Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Administração) – Centro Universitário Campo Limpo Paulista – Unifaccamp.

1. Empreendedorismo. 2. Empreendedorismo feminino. 3. Desafios. 4. Oportunidades. 5. Mães empreendedoras. 6. Maternidade. I. Coda, Roberto. II. Centro Universitário Campo Limpo Paulista. III. Título.

CDD-658.42

CAMPO LIMPO PAULISTA

2022

AGRADECIMENTOS

Aos doze anos de idade, fui incentivada por meus pais a trabalhar em uma barraca de feira para vender pastéis, como ajudante. Acordava às quatro horas da madrugada e ia, para nove horas de trabalho. Foi o primeiro incentivo que tive para iniciar minha jornada de trabalho e o primeiro contato que tive com o sentimento do que é um espírito empreendedor. Aquele de luta, de querer melhorar o que já existe, de querer inovar. Meu pai me dizia para aprender o máximo que pudesse e minha mãe me dizia que eu aprenderia com aquilo, a lutar pelos meus objetivos, a ter gosto pelo trabalho. Então, meu primeiro agradecimento vai para esses dois seres incríveis, que com toda a limitação que a falta de oportunidades e de estudo poderiam ter imposto, conseguiram me lançar em uma vida de trabalho digna e tão importante.

Agradeço de coração aos meus filhos de alma, Larissa e Lucas, que sempre estiveram por perto, dando forças.

Agradeço a minha filhota Sabrina, amante dos cristais, que me deu uma pedra que segundo ela iria iluminar minha mente. E como iluminou! E acalentou meu coração nas horas em que eu achava que não conseguiria.

Agradeço meu filho Diego, meu amor maior, meu parceiro desta e de outras vidas, que sempre estava lá e que quando eu estava quase desacreditando, me enviava mensagens dizendo o quanto sabia que sou capaz.

Ao meu irmão mais velho, o “Maloca” como a música do Adoniram, que me mandava mensagens dizendo simplesmente que eu conseguiria, que ele sabia que eu conseguiria porque acredita em mim!!

Agradeço minha irmã Edna, minha “baixinha”, que sempre foi minha Luz e minha força.

Agradeço meu irmãozinho Dudu, meu “Xodó”, um dos meus maiores fãs e que não sabe que é meu ídolo.

Um agradecimento especial ao meu orientador, Professor Dr. Roberto Coda que com seu profissionalismo, sua dedicação e paciência, praticamente me pegou pela mão e me conduziu nesse processo.

Agradeço às professoras que participaram da banca de qualificação e da banca de defesa, Professora Dr^a. Patricia Viveiros de Castro Krakauer e Jane A. Marques, pelas contribuições e ensinamentos.

A todas as empreendedoras que colaboraram com tanto carinho para a realização deste trabalho.

E muito especialmente àquele que esteve comigo em todos os momentos e me incentivou, acompanhou, torceu e me deu as forças que eu precisava para chegar até aqui. Meu amado marido José Carlos Francez Júnior. Sem você, não teria conseguido!!

RESUMO ESTRUTURADO

Propósito da pesquisa: Com as mudanças sociais ocorridas no universo feminino, as mulheres passaram a fazer parte do mercado de trabalho de maneira cada vez mais ativa. Tentam consolidar sua trajetória profissional, ao mesmo tempo que tentam equilibrar a vida familiar com a carreira. Muitas vezes, a luta por essa carreira coincide com a maternidade e elas veem no empreendedorismo um caminho com maior flexibilidade de horários e como uma opção que possa trazer maior equilíbrio à administração das multitarefas a que se veem submetidas. Nesse caminho, apesar das oportunidades tentadoras, surgem muitos desafios que podem ser limitadores ao processo empreendedor, dependendo da forma como se lida com eles. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo, analisar as oportunidades e desafios do exercício do empreendedorismo feminino, sob a visão de mulheres que empreenderam após a maternidade, no Estado de São Paulo.

Problema e Objetivos: Esta pesquisa buscou compreender como as empreendedoras, que empreenderam após a maternidade, lidam com as oportunidades e os desafios que surgem em sua trajetória. Conhecer a forma como a trajetória de vida dessas empreendedoras pode levá-las a empreender após a maternidade e analisar como as experiências vividas por essas mulheres podem orientar outras empreendedoras que seguirão esse caminho.

Abordagem Metodológica: A pesquisa é de natureza exploratória, com uma abordagem qualitativa. O instrumento de coleta de dados foi a entrevista em profundidade, realizada através de um roteiro semiestruturado.

Resultados Alcançados: A partir da revisão teórica e das entrevistas, verificou-se que a principal busca dessas mulheres, é pela oportunidade de conciliarem a vida profissional com a vida materna, aproveitando da melhor forma possível, as oportunidades que o empreendedorismo oferece, como a maior flexibilidade de horários, por exemplo. E que nesse processo, precisam lidar com vários desafios, como a sobrecarga de trabalho, a divisão dos ambientes doméstico e profissional, além da culpa que recai sobre elas, pela atenção dispensada aos filhos, em detrimento ao trabalho ou vice-versa. Concluindo que apesar das dificuldades impostas por esses

desafios, as empreendedoras pesquisadas acreditam em seus projetos, não trazem consigo nenhum arrependimento e se sentem realizadas.

Contribuição: Este trabalho pode contribuir de alguma forma para a evolução teórica do conhecimento dos fatores que permitem que as mães empreendedoras conciliem sua vida familiar com sua carreira, assim como para orientar futuras mães empreendedoras nas formas como lidar com os desafios que surgem nesse caminho. Além de contribuir para programas de apoio às atividades empreendedoras entre mulheres.

Palavras-Chave: Empreendedorismo, Empreendedorismo Feminino, Desafios, Oportunidades, Mães Empreendedoras, Maternidade.

STRUCTURED ABSTRACT

Purpose of Research: With the social changes that have occurred in the female universe, women have become increasingly active in the labor market. They try to consolidate their professional trajectory, at the same time as they try to balance Family life with their careers. Many times, the struggle for this career coincides with motherhood, and they see in entrepreneurship a path with more flexible schedules and as an option that can bring more balance to the administration of the multitasking to which they are submitted. On this path, despite the tempting opportunities, many challenges arise that can be limiting to the entrepreneurial process, depending on how they are dealt with. In this context, the present study aims to analyze the opportunities and challenges of female entrepreneurship, from the point of view of women who became entrepreneurs after maternity in the state of São Paulo.

Problem and Objectives: This research sought to understand how female entrepreneurs, who became entrepreneurs after motherhood, deal with the opportunities and challenges that arise in their trajectory. To understand how the life trajectory of these entrepreneurs can lead them to become entrepreneurs after maternity and to analyze how the experiences lived by these women can guide other entrepreneurs who will follow this path.

Methodological Approach: The research is exploratory in nature, with a qualitative approach. The instrument for data collection was the in-depth interview, conducted through a semi-structured script.

Attained Results: From the theoretical review and the interviews, it was verified that the main search of these women is for the opportunity to reconcile their professional life with their maternal life, taking advantage in the best possible way, of the opportunities that entrepreneurship offers, such as the greater flexibility of schedules, for example. And that, in this process, they need to deal with several challenges, such as work overload, the division of the domestic and professional environments, in addition to the guilt that falls on them for the attention given to their children, to the detriment of their work or vice-versa. In conclusion, despite the difficulties imposed by these challenges, the entrepreneurs surveyed believe in their projects, have no regrets, and feel fulfilled.

Contribution: This work can contribute in some way to the theoretical evolution of knowledge of the factors that allow entrepreneurial mothers to reconcile their family life with their career, as well as to guide future entrepreneurial mothers in the ways they deal with the challenges that arise on this path. In addition to contributing to programs to support entrepreneurial activities among women.

Key-words: Entrepreneurship, Female Entrepreneurship, Challenges, Opportunities, Enterprising Mothers, Motherhood

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil das entrevistadas	39
Quadro 2 – Análise do contexto das entrevistas com as empreendedoras.....	43

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Participação na renda familiar	46
Gráfico 2 – Horas dedicadas ao trabalho doméstico e ao empreendimento.....	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
FGV	Fundação Getúlio Vargas
GEM	<i>Global Entrepreneurship Monitor</i>
IA	Inteligência Artificial
IBAM	Instituto Brasileiro de Administração Municipal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MEI	Microempresas Individuais
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONU	Organização das Nações Unidas
PE	Portal do Empreendedor
PNTEM	Programa Nacional do Trabalho e Empreendedorismo da Mulher
RME	Rede Mulher Empreendedora
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
TTE	Taxa Total de Empreendedorismo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Questão de pesquisa	15
1.2	Objetivos da pesquisa	15
1.2.1	Objetivo geral	15
1.2.2	Objetivos específicos	15
2	FUNDAMENTOS TEÓRICOS	17
2.1	A mulher e o mercado de trabalho	17
2.1.1	As mudanças na força de trabalho feminina	17
2.1.2	Barreiras e dificuldades	19
2.1.3	Políticas públicas que auxiliam o trabalho feminino	20
2.2	Empreendedorismo feminino	22
2.2.1	O perfil da empreendedora	25
2.2.2	A relação entre trabalho e família	27
2.3	O cenário atual	29
2.3.1	A relação entre empreendedorismo e maternidade	32
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	35
3.1	Caracterização geral da pesquisa	35
3.2	Sujeitos da pesquisa	36
3.3	Coleta de dados	36
3.4	Análise de dados	37
4	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	38
4.1	Perfil das entrevistadas	38
4.2	História das entrevistadas	40
4.3	Desafios e oportunidades vivenciados	44
4.4	Discussão dos resultados	49
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERÊNCIAS	56
	APÊNDICE A	63

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, principalmente com o marco da Revolução Industrial, a mulher saiu do ambiente restrito ao lar e foi para o mercado de trabalho por necessidade. Por outro lado, os homens não assumiram as responsabilidades de casa, acumulando os cuidados com filhos e afazeres domésticos para elas (COSTA, 2018).

Gomes (2004), destaca que nos últimos tempos a mulher deixou de ser apenas a cuidadora, assumindo o papel de chefe do lar, sendo realizada por ela relativa divisão de tarefas tanto domésticas quanto financeiras.

No setor agrícola, o trabalho feminino sempre foi uma constante. Na virada do século XIX para o século XX, 80% da força de trabalho agrícola estava empregada na cafeicultura (STOLCKE, 1986, p. 54). Segundo Stolcke (1986), as mulheres trabalhavam nos cafezais, carpindo, limpando os pés de café e na colheita.

Um marco na mudança estrutural da sociedade e que afetou diretamente o mundo do trabalho foi a Revolução Industrial, período em que aconteceu um grande desenvolvimento tecnológico, com surgimento de máquinas, automatização de processos e que levou um grande contingente de mão de obra feminina para o interior das fábricas. Conforme Hobsbawn (2000), a mão de obra feminina era desvalorizada e, por isso, altamente lucrativa para seu empregador. A subsistência familiar não era responsabilidade somente da força de trabalho masculina. Buscando complementar a renda familiar, as mulheres cada vez mais ocupavam espaço nas fábricas. Para Leskinen (2004, p. 1), desse “período em diante, a mulher passa a ser vista sob novos aspectos. Seu perfil muda, a torna um ser em construção, na busca da realização e desenvolvimento de suas potencialidades”.

Segundo Ribeiro (2012), é possível notar que o papel da mulher na sociedade vem se alterando nos últimos tempos. A mulher foi deixando de ser vista como uma figura frágil e dependente do homem e essa mudança a levou a protagonizar a própria trajetória. Segundo o autor (RIBEIRO, 2012), por muitos anos a desigualdade entre homens e mulheres foi justificada por se acreditar que a mulher tivesse menor capacidade cognitiva, menor força física e que suas habilidades e competências fossem comprometidas pelas relações de cuidados familiares, já que cabia a ela esse papel.

Mais recentemente, a cultura do empreendedorismo foi ganhando força e novamente os homens saíram na frente no quesito sucesso por terem menos carga mental externa ao trabalho. O maior envolvimento no trabalho não remunerado faz com que as mulheres consigam menos oportunidades no mercado de trabalho (IBGE, 2019). Segundo um estudo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), os indicadores tradicionais que monitoram a taxa de participação no mercado de trabalho revelam desigualdades significativas entre homens e mulheres e apontam maior dificuldade de inserção dessas mulheres nesse mercado. Em 2019, a taxa de participação das mulheres com 15 anos ou mais de idade foi de 54,5% e a dos homens chegou a 73,7%.

Ainda assim, as mulheres encontraram seu espaço e viram no empreendedorismo uma oportunidade de conciliar a vida profissional e pessoal. Mas se de um lado elas têm mais flexibilidade de tempo e conseguem manter os filhos por perto, de outro, manter um negócio também exige grande dedicação de tempo, além de habilidades que ultrapassam a barreira do ofício.

Hoje, a participação das mulheres no universo econômico, até mesmo à frente de um negócio próprio, é visível na sociedade e elas se tornaram uma força econômica emergente que merece fazer parte das formulações políticas, já que a economia moderna depende da participação de ambos os sexos. Por isso, investigar o processo empreendedor feminino e como ele se dá, com as oportunidades e desafios que se apresentam, pode nos ajudar a compreender mudanças sociais, políticas e culturais que atingem as organizações.

Para compreender melhor o universo empreendedor feminino é importante ressaltar que, de acordo com pesquisa feita pela Rede Mulher Empreendedora (RME), em 2018, 52% das donas de negócio no país começaram a empreender depois de ter filho. Isso nos leva a um aprofundamento nesse contexto geral, já que o empreendedorismo materno pode envolver novas questões, como a administração do tempo entre trabalho e filhos, a divisão dos ambientes doméstico e corporativo e a forma como as empreendedoras lidam com os desafios e as oportunidades que surgem nessa trajetória.

Ao se tornar mãe, a vida de uma mulher sofre alterações, tanto no âmbito pessoal, quanto no profissional. Passa a existir uma divisão entre dois cenários: a busca de uma renda extra para sustentar a família e a adaptação de sua rotina para

conciliar os dois mundos. Com isso, o empreendedorismo pode se tornar uma excelente alternativa para essas mães, possibilitando distribuir o tempo de trabalho de acordo com sua disponibilidade diária, conciliando a agenda de afazeres domésticos e atividades com os filhos com as necessidades do empreendimento.

Segundo Proni e Proni (2018), existe uma mudança na divisão de gêneros no que diz respeito ao trabalho, com mulheres ocupando cargos mais elevados. Mas ainda existem barreiras como a diferença salarial e os desafios culturais, tais como o machismo velado em relação a mulheres que trabalham fora, o que faz com que as mulheres ainda vivenciem o fenômeno chamado “teto de vidro”, que é uma barreira invisível. Apesar de sutil, essa barreira ainda é muito forte atualmente.

No Brasil, Quental e Wetzel (2002) concluíram que as mulheres empreendedoras buscam conciliar as demandas de trabalho com a família, objetivando maior controle de tempo, o que pode fazer com que mães deixem o emprego tradicional para criar e iniciar novos empreendimentos seja para conciliar seu papel enquanto mães, sejam motivadas pela experiência de gravidez ou ter filhos.

Segundo pesquisa da Rede Mulher Empreendedora, realizada em 2016 (RME, 2016), a independência financeira e a maternidade estavam atreladas à decisão de empreender para a mulher e, com isso, vários novos negócios podem surgir como resultado da mudança no estilo de vida após a maternidade.

Segundo Alperstedt, Ferreira e Serafim (2014), apesar de hoje a estrutura familiar ter sofrido uma mudança e ambos – a mulher e o marido – trabalharem, não importa o nível profissional da mulher, ainda recai sobre ela a responsabilidade maior sobre a casa e os filhos; conciliar os papéis de mãe e dona de casa com o de empresária pode gerar conflito com as exigências de uma carreira empreendedora e a realidade da experiência empreendedora feminina pode apresentar aspectos negativos, consistindo em uma realidade que não corresponde às expectativas iniciais.

No Brasil, a Rede Mulher Empreendedora (RME, 2018) aponta que os quatro maiores erros descritos pelas mães empreendedoras são: sentir-se culpada sempre por estar trabalhando e não ficar com filhos ou vice-versa; não ter uma rotina; não ter tempo para si própria; não trabalhar com objetivos e metas. Existem também alguns aspectos decorrentes de questões de saúde mental, bem-estar emocional, níveis de energia, sentimentos de isolamento e estresse dentro das relações pessoais.

Profissionalmente, existem dificuldades geradas por medo do risco financeiro e do endividamento (ALPERSTEDT, 2014).

Segundo Silva (2006), o acúmulo de papéis e a dualidade existente no empreender quando se trata de tempo e benefícios, em comparação ao mercado de trabalho convencional, traz o questionamento sobre até que ponto empreender é vantajoso e como fazer dar certo em meios aos desafios.

É nesse contexto que é dada esta investigação, com a intenção de identificar como as empreendedoras, em especial as que empreendem após a maternidade, lidam com as oportunidades e os desafios que surgem em sua trajetória.

1.1 Questão de pesquisa

A partir do entendimento de que os desafios e oportunidades que surgem no processo empreendedor podem influenciar o sucesso ou o fracasso deles mesmos, na presente pesquisa buscou-se responder à seguinte questão: como as empreendedoras, que empreenderam após a maternidade, lidam com as oportunidades e os desafios que surgem em sua trajetória?

1.2 Objetivos da pesquisa

1.2.1 Objetivo geral

O objetivo geral determina o que pretendemos conseguir com a pesquisa realizada, baseando-se em fundamentações para a pesquisa (RICHARDSON, 1999). Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa é analisar as oportunidades e desafios do exercício do empreendedorismo feminino, sob a visão de mulheres que empreenderam após a maternidade, residentes no estado de São Paulo.

1.2.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos podem ser entendidos como as etapas seguidas até o cumprimento do objetivo geral (RICHARDSON, 1999). Dessa forma, esta pesquisa apresenta três objetivos específicos:

- 1) analisar de que forma o processo empreendedor feminino pode ser impulsionado pela maternidade;
- 2) analisar como a trajetória de vida das empreendedoras pode levá-las a empreender após a maternidade;
- 3) analisar como as experiências adquiridas por essas empreendedoras podem servir para orientar futuramente outras mulheres que seguirão por esse caminho.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Neste capítulo será apresentado um histórico sobre a inserção da mulher no universo do trabalho, assim como as barreiras por ela enfrentadas até o cenário atual. Também serão abordadas questões sobre o empreendedorismo feminino, discorrendo sobre o seu significado, incentivos, diferenças de gênero e sua função como alternativa para as mulheres. Serão abordados também o perfil e as características das mães empreendedoras e sua relação com o trabalho e família.

2.1 A mulher e o mercado de trabalho

Nesta seção serão abordadas as temáticas referentes à inserção da mulher no mercado de trabalho, assim como as mudanças ocorridas na força de trabalho feminina, barreiras e conflito causados pela divisão entre trabalho, casa e filhos e políticas públicas de auxílio ao setor.

2.1.1 As mudanças do trabalho feminino na sociedade

A mulher e sua condição no mercado de trabalho tem sido pauta de discussão em várias frentes sociais, econômicas e políticas ao longo dos anos. Um exemplo disso é que a Organização das Nações Unidas (ONU, 1975) declarou o ano de 1975 como o ano Internacional da Mulher porque, nesse ano, vários países se reuniram na cidade do México, para uma análise da condição feminina. Além disso, foi instituída pela ONU (1975) a década da mulher (1975-1985), período para colocar em evidência a busca pela igualdade de gênero.

Mas para que se entenda o papel da mulher na sociedade e no mercado de trabalho hoje, é necessário fazer uma retrospectiva para além dessas datas-chave e realizar uma análise histórica da evolução desse papel.

As mulheres seguiram uma cultura, desde o início da civilização, onde era mais importante ser educada do que ser instruída, ou seja, uma cultura que priorizava a virtude e o sentimento de maneira que a figura ideal feminina era a de esposa e mãe. A instrução que a mulher recebia era a mínima necessária para os objetivos que lhe eram desenhados: casar-se e procriar. As aulas que recebia eram para desenvolver

da melhor forma possível as tarefas domésticas. A função primordial da mulher era casar-se, procriar e se voltar totalmente à família (FRIEDAN, 1971).

Durante a Idade Média, as mulheres trabalhavam em tarefas manuais consideradas sem importância, inexpressivas. Eram objetos de submissão e dominadas por um universo masculino, o que lhes dava um *status* classificado como “sem função”. Isso se estendeu até o século XIX quando algumas poucas mulheres passaram a ter acesso à educação e, muito lentamente, vão surgindo os primeiros trabalhos dentro das fábricas (SULLEROT, 1970).

No Brasil, em 1827, as mulheres conseguiram autorização para irem às escolas. Mas quase cem anos depois, inicia-se em 1909, com o movimento feminista brasileiro, uma luta pela conquista de outros direitos. O período entre o final do século XIX e o início do século XX marca a conquista pelo direito ao voto, no ano de 1932. A partir de 1945 – ano em que a Segunda Guerra Mundial chega ao fim –, há outra conquista: a possibilidade de votar para presidente (KARAWJCZYKA, 2014).

A importância da conquista do voto se deve principalmente à valorização do papel social da mulher que, até então, ainda era considerada e tratada como incapaz e isso lhe trazia muitas limitações na luta por uma colocação no mercado de trabalho e na vida acadêmica, limitando também o seu poder nas decisões familiares (KARAWJCZYKA, 2014).

Até hoje, existem vários elementos culturais que seguiram um ordenamento patriarcal na divisão das responsabilidades que acabam por justificar as desigualdades de gênero.

No início do século XX, as mulheres que trabalhavam fora de casa não eram “bem-vistas” e o que se verificava era que cresciam os casos em que a necessidade se impunha e as obrigava a isso. A discussão então girava em torno de qual tipo de trabalho seria mais aceitável para uma mulher (WEINSTEIN, 1995). A partir da Segunda Guerra Mundial, as mulheres que trabalhavam como operárias já eram um número maior – significativo reforço na mão de obra operária. Assim, com o trabalho nas fábricas, inicia-se para as mulheres a dupla jornada de trabalho, trazendo consigo vários conflitos e dificuldades a serem superados (QUETEL, 2009).

A mulher pobre e que trabalhava por necessidade, sob a ótica do Estado, era vista convenientemente sob o conceito utilitário.

Em 1930, vários postos de trabalho na indústria, principalmente nos setores de tecelagem, calçadistas e de alimentação, eram ocupados por mulheres (WEINSTEIN, 1995). Também o trabalho doméstico de manutenção e cuidado de casas e pessoas eram ocupados em sua grande maioria por mulheres pobres e negras (FRIEDAN, 1971). Segundo Friedan (1971), as primeiras oportunidades formais de trabalho sempre apareciam como atividades de baixa importância, com jornadas cansativas e salários muito inferiores às necessidades básicas necessárias. Nos anos 1960, um maior acesso à educação gera aumento nas possibilidades profissionais (GONÇALVES, 2010).

Em 1988, com a Constituição, acontece a mudança de um paradigma do Direito do Trabalho, ao estabelecer pela primeira vez que os deveres e responsabilidades decorrentes de uma união conjugal cabem a ambos os cônjuges. Esse paradigma, antes, se destinava a proteger o lugar da mulher no lar e agora garantia a possibilidade efetiva de trabalhar (LOPES, 2006).

Esse documento se tornou um verdadeiro marco em uma nova concepção na luta pela igualdade de gêneros. Com ele, fica ultrapassado o paradigma jurídico que valorizava uma organização patriarcal para dar espaço a uma nova concepção de valores, onde se tornava necessária uma ideologia de igualdade de direitos e deveres. Essa declaração da divisão dos deveres e direitos conjugais, para ambos os sexos, protege a mulher no que se refere à sua posição no lar e às suas possibilidades no ambiente profissional.

2.1.2 Barreiras e dificuldades

Apesar da conquista que a declaração da divisão dos deveres e direitos conjugais para ambos os sexos representou, que ocorreu com a assinatura da Constituição Brasileira de 1988, outros fatores continuaram a pesar no universo profissional feminino. A desigualdade salarial ainda é um fato (IBGE, 2019). Além disso, ainda cabe à mulher a responsabilidade pela manutenção da casa e o cuidado com os filhos. O maior envolvimento no trabalho não remunerado pode contribuir para explicar a menor participação das mulheres no mercado de trabalho (IBGE, 2019).

A dedicação das mulheres com pessoas e afazeres domésticos no ano de 2019 foi quase o dobro de tempo do que o dos homens. Foram 21,4 horas de dedicação feminina, contra 11 horas de dedicação masculina (IBGE, 2019).

Quando se trata de cargos e salários, pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019) mostra que as mulheres fecharam aquele ano ainda ganhando e ocupando menos espaço que os homens, sendo que 55,2% dos assalariados eram homens e 44,8%, mulheres. Enquanto o salário médio mensal deles chegou a R\$3.188,03, o delas somou R\$2.713,92, o que representa uma diferença de 17,5%. As mulheres receberam em média 85,1% do salário médio mensal dos homens, apontam os dados.

A legislação brasileira garante a igualdade salarial entre homens e mulheres na CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) desde 1943. No texto, nos artigos 5º, 46º, 373A e 461, entre outros, fica determinado que os salários devem ser iguais. O artigo 7º da Constituição de 1988 também aborda o tema, proibindo a diferença de salários, de exercício de funções e de critério de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil. Mas a desigualdade salarial entre os gêneros persiste no Brasil. O país ocupa o 132º lugar no *ranking* do Fórum Econômico Mundial, de uma lista de 149 nações, sobre equidade salarial para trabalho similar, formulado em 2018. Um ano antes, ocupava a 119ª posição (SEBRAE, 2019).

Segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), ainda é muito grande o impacto dos afazeres domésticos no universo feminino e isso dificulta a inserção feminina no mundo do trabalho. A pesquisa de 2019 apurou que a dupla jornada fez com que, naquele ano, cerca de 1/3 das mulheres trabalhasse em tempo parcial, com até 30 horas semanais. Para os homens, essa situação ocorreu em cerca de 15,6% dos casos.

2.1.3 Políticas públicas que auxiliam o trabalho feminino

A adoção de políticas públicas busca a utilização de medidas que produzam mudanças que tragam igualdade de gêneros e são essenciais para ultrapassar as barreiras encontradas pelas mulheres no mercado.

Uma das formas de eliminar a discriminação no mundo do trabalho é através da Organização Internacional do Trabalho (OIT, 1979). A organização fornece

conselhos técnicos aos governantes, fazendo com que os sistemas estatísticos apontem o trabalho feminino e cuidando para que as reformas às leis trabalhistas não aumentem as disparidades de gênero (PRONI, 2018). Um exemplo é a Convenção Sobre Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher (1979), da OIT, que firma entre os Estados o comprometimento em adotar medidas contra a discriminação, assegurando às mulheres as mesmas oportunidades, direitos e igualdade.

No ano de 2008, a Secretaria de Políticas para as Mulheres convidou o Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM) a assumir a coordenação do Programa Nacional do Trabalho e Empreendedorismo da Mulher (PNTEM). A partir daí, o órgão firmou seu empenho no aperfeiçoamento de políticas públicas e no fortalecimento de políticas para as mulheres (AZEVEDO et al., 2012). Segundo Azevedo, Costa, Souza (2012), isso tem acontecido através da coordenação de ações destinadas à promoção de mudanças efetivas da condição das mulheres no campo econômico e o Programa Trabalho e Empreendedorismo da Mulher obteve resultados significativos nas unidades em que foi implementado, como, por exemplo:

- a descoberta do empreendedorismo como um caminho para a ampliação da autonomia feminina, através de discussões sobre os direitos e violência contra a mulher;
- a iniciativa de mulheres em feiras e mostras de produtos e serviços;
- foram registradas buscas de acesso ao microcrédito, junto a associações locais, bancos, governo municipal e estadual;
- a unificação de agentes de diversas áreas setoriais em um debate sobre empreendedorismo e as possibilidades de ampliação da autonomia econômica das mulheres, atendidas por políticas públicas sociais, permitindo aos gestores o acesso a temas como direito das mulheres, políticas de gênero, empreendedorismo, alinhados à discussão das políticas públicas de forma geral.

Um dos principais focos do movimento de mulheres é o acesso às oportunidades econômicas, permitindo uma autonomia que pode ser analisada sob diferentes formas, como através do desenvolvimento econômico e social, da geração de trabalho e renda, da assistência social, da economia solidária. Analisando dessa

forma, as políticas públicas que se voltam para o empreendedorismo feminino podem ser inseridas no rol das políticas sociais (RIBAS, 2020).

Em 1995, foi criada a Plataforma de Beijing, programa destinado à eliminação dos obstáculos que possam dificultar a participação feminina em setores da vida pública ou privada. Trata-se de um guia de orientação com objetivos estratégicos para o alcance do avanço da mulher e sua principal tarefa é dar apoio à luta pela igualdade de gênero em todas as áreas políticas (AZEVEDO et al., 2012).

2.2 Empreendedorismo feminino

O termo empreendedorismo surgiu da tradução da palavra francesa *entrepreneur*, sendo utilizada para referências ao estudo do empreendedor, em situações que abrangem todo o seu universo de atuação, seu perfil e as atividades que o envolvem. Os primeiros estudos sobre empreendedorismo pela ótica econômica foram vistos a partir de trabalhos de Schumpeter (1985) e determinavam que eram papéis do empreendedor tanto a capacidade de criar quanto de inovar.

Conforme definição do SEBRAE (2021, p.1): “ser empreendedor significa ser um realizador, que produz novas ideias, através da congruência entre criatividade e imaginação”.

Segundo Dolabella (1999), a palavra empreendedor é utilizada para descrever quem se dedica à geração de riqueza e transforma conhecimento em outros produtos ou serviços ou os utiliza também no próprio conhecimento ou em uma inovação.

Mais especificamente, o empreendedorismo feminino pode ser interpretado por um movimento que reúne negócios idealizados e comandados por uma ou mais mulheres. Também podemos entender iniciativas de liderança feminina, incluindo a atuação de mulheres em altos cargos dentro das empresas (DOLABELLA, 1999). Segundo Gimenez et al. (2016), os primeiros estudos sobre empreendedorismo feminino no Brasil surgiram no final dos anos 1990. Até então o foco dos trabalhos era no universo masculino. Segundo os autores, tais estudos buscavam uma associação com a motivação, características de personalidade e perfil das empreendedoras.

Para Dutra (2002), as características de um empreendedor de sucesso devem ser voltadas para a capacidade de lidar com as incertezas e as necessidades que

surgirem, através de uma rede de apoio. Drucker (2002), por sua vez, acredita que, para o empreendedor, a inovação seja determinante. Para ele:

A inovação é o instrumento específico dos empreendedores, o meio pelo qual eles exploram a mudança como uma oportunidade para um negócio ou serviço diferente. O empreendedor sempre está buscando a mudança, reage a ela e a explora como sendo uma oportunidade (DRUCKER, 2002, p. 55).

Conforme Jonathan (2005), são características das mulheres empreendedoras a autoconfiança, a paixão e a identificação com seus empreendimentos.

Independentemente da denominação aplicada pelos autores, o empreendedorismo tem se mostrado importante ferramenta econômica, despertando cada vez mais interesse nas pesquisas e se tornando uma opção em um cenário de empregos escassos, como uma alternativa para o desenvolvimento de uma nova carreira. Além disso, empreender possibilita que as mulheres busquem viver do que amam, trazendo mais qualidade de vida e bem-estar no dia a dia.

Buttner e Rosen (1988) pesquisaram e concluíram que a visão que se tinha das mulheres estava associada a estereótipos sexuais quando em processos de tomada de empréstimo em instituições de financiamento e que os agentes tinham uma ideia preconceituosa de que a mulher teria menos chances de êxito, quando comparada ao homem, por não possuir habilidades empreendedoras suficientes.

O empreendedorismo é importante ferramenta para a transformação profissional, econômica, social e até pessoal na vida das mulheres. O sustento de muitas famílias depende do sucesso empreendedor de uma mulher. As mulheres ainda se desdobram muito mais do que os homens entre o lar e os desafios profissionais. O empreendedorismo oferece a possibilidade de conquista de uma estrutura mais flexível do que a convencional, além de ser mais uma opção contra a desigualdade de gênero na remuneração de empregos formais (RME, 2019).

No ano de 2019, segundo o relatório do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM, 2019), o Brasil atingiu uma Taxa Total de Empreendedorismo (TTE) de 38,7%, representando aproximadamente 53 milhões de brasileiros adultos que realizavam alguma atividade empreendedora, como o desenvolvimento na criação ou na consolidação de um novo negócio ou na manutenção de um empreendimento já estabelecido, em números de negócios registrados oficialmente. O

empreendedorismo nascente em 2019 alcançou o maior valor na série histórica, sendo 1,4% superior ao patamar máximo já registrado, de 6,7%, em 2015. Nesse ano, o relatório praticamente não acusou diferenças entre homens e mulheres no estágio do empreendedorismo inicial. Já no estágio estabelecido, houve maior representação masculina do que feminina. A taxa dos empreendedores estabelecidos do sexo masculino foi de 18,4%, enquanto a do feminino foi de 13,9%, diferença de 4,5%. Estima-se a existência de quase três milhões de homens a mais do que mulheres no empreendedorismo estabelecido (GEM, 2019).

Esse tem sido um panorama constante no Brasil, ao longo dos últimos anos, com uma proporção semelhante de empreendedores iniciais entre homens e mulheres e um percentual maior de homens à frente de negócios já consolidados, ou seja, de empreendedorismo estabelecido. Apesar das taxas de empreendedorismo total serem menores para mulheres do que a dos homens, a estimativa do número de mulheres empreendedoras no Brasil em 2019 foi de 25,8 milhões, muito próxima dos 28,7 milhões de homens. Esse panorama se deve provavelmente a fatores como a inserção das mulheres na atividade empreendedora e em outras posições no mercado de trabalho, que vem crescendo, apesar das mulheres partirem de uma base mais modesta de empreendedores estabelecidos. Outro fator dificultante é que esses empreendimentos, para as mulheres, trazem maiores obstáculos, tais como a divisão do tempo dedicado entre as atividades profissionais e os serviços domésticos e criação de filhos (GEM, 2019).

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), nesse ano, no Brasil, a taxa de realização de serviços domésticos e/ou cuidados de pessoas entre as mulheres foi de 93%, enquanto entre os homens foi de 80,4%. Apesar de trabalharem fora, as mulheres ainda cumpriram em média 8,2 horas a mais com essas atividades do que os homens também ocupados.

Como forma de incentivo, em 2014, a Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu no dia 19 de novembro o Dia do Empreendedorismo Feminino. É uma iniciativa coordenada pela ONU Mulheres, braço da entidade que tem como objetivo unir, fortalecer e ampliar esforços mundiais em defesa dos direitos humanos das mulheres. Já em seu ano de criação, a data foi celebrada durante a Semana Global de Empreendedorismo Feminino, com atividades realizadas em mais de 50 países.

Tudo isso porque se sabe hoje que o empreendedorismo feminino impacta em vários segmentos de forma positiva, para a sociedade, reduzindo as diferenças nas oportunidades de ascensão de carreira entre homens e mulheres; para a economia, a inclusão de novas empreendedoras oxigena as ideias de negócios; para as empresas, trazendo inovação com o comportamento estratégico das empreendedoras.

2.2.1 O perfil da empreendedora

Segundo estudo da Rede Mulher Empreendedora (RME, 2019), 59% das mulheres empreendedoras no Brasil são casadas, sendo que 52% têm filhos e a maioria delas empreendem depois dos 30 anos. Dessas mulheres, 69% têm graduação ou pós-graduação (contra 44% dos homens) e o negócio é a principal renda familiar para 38% das mulheres.

Ainda segundo o estudo, para essas mulheres a flexibilidade de horário e o tempo para a família são as principais motivações para empreender. Mulheres empreendedoras têm menos tempo com o negócio, devido à sua dedicação com a casa e com os filhos, do que os homens. O tempo de dedicação a mais corresponde a 24%, sendo que 58% das mulheres trabalham em casa. Quando formalizados, 57% dos negócios são Microempresas Individuais (MEIs).

Os negócios abertos nos últimos três anos correspondem a 61% dos casos e 54% desses negócios são na área de serviços. Dos negócios comandados por mulheres, 50% têm faturamento mensal de até R\$2.500,00 (contra 30% dos homens). Em sua grande maioria, os negócios comandados por mulheres não têm funcionários; quando há contratações, a preferência é pela contratação de outras mulheres.

Um estudo da Rede Mulher Empreendedora (RME, 2019), apontou que 49% das mulheres abrem um negócio sem planejamento (contra 44% dos homens). O número de mulheres que tomam decisões sozinhas corresponde a 73% (contra 44% dos homens) e somente 28% se sentem seguras com a gestão financeira (contra 50% dos homens).

Com referência ao acesso a créditos e empréstimos, o estudo realizado pela Rede Mulher Empreendedora (RME, 2019) mostra que 40% das mulheres começam o negócio sem capital (semelhante aos homens) e 63% das mulheres nunca consideraram ou foram atrás de um empréstimo bancário. Quando solicitam algum

empréstimo ou crédito, as mulheres recorrem principalmente a familiares ou amigos e 67% dessas mulheres usam esses empréstimos para giro ou para despesas não planejadas. Essas mulheres, além de terem experiência no meio corporativo, possuem em seu perfil traços de otimismo, alta capacitação e disposição para os desafios de empreender.

Conforme Krakauer et al. (2018), os perfis comportamentais das empreendedoras são constituídos por um conjunto de certos comportamentos, sendo que as características mais comuns esperadas dessas mulheres são: a capacidade de identificar oportunidades, correr riscos calculados e a propensão de inovar.

A discriminação sofrida ao iniciar uma carreira tem impactos negativos que abalam a confiança das mulheres e diminuem a sua satisfação com relação às suas carreiras (ASH et al., 2000). Além disso, sem dúvida gerenciar o tempo entre trabalho e família é o principal desafio das mulheres. Já para o homem, é o acesso a recursos financeiros (IBGE, 2019).

As mulheres brasileiras buscam, ao empreender, maior flexibilidade de horários e fugir da hostilidade do mundo corporativo, principalmente após a maternidade, sendo esse um fator decisivo para começar a empreender dentre 75% das participantes do estudo (RME, 2019).

A mulher assumiu um papel socioeconômico importante quando passou a trabalhar fora de casa (COSTA, 2018). Mas para entender as questões de trabalho da mulher, é necessário compreender a influência familiar em suas opções, em sua rotina e em seu comportamento, já que são essas questões que não devem ser dissociadas da existência feminina, que teve seu perfil totalmente alterado, já que a mulher tem que ser a profissional sem deixar de ser a mãe. A mulher empreendedora muitas vezes precisa transformar o espaço doméstico em espaço corporativo e fazer entender que o fato de estar presente não a torna disponível o tempo todo para as questões familiares (COSTA, 2018).

Além disso, um fator que não pode deixar de ser citado é que a internet se tornou importante ferramenta, principalmente no apoio aos empreendedores iniciantes, trazendo a possibilidade de informação, interação e divulgação (MEIRELLES, 2021). Existem páginas informativas com esclarecimento de dúvidas, troca de informações e experiências que auxiliam muito, como: “Rede Mulher Empreendedora”, “Canal do Empreendedor”, “Empreendedorismo Rosa”. E ainda, o

meio virtual aproximou e introduziu essas mulheres em um mundo novo, com novas possibilidades de acessos às pessoas, lugares, informações que possibilitam uma transformação cultural, social e pessoal.

Nesse contexto, estudos demonstram que a relação familiar e a maternidade aparecem fortemente ligadas ao fato de as mulheres optarem pelo empreendedorismo, buscando mais liberdade, flexibilidade de horários, presença mais constante na rotina familiar e no cuidado com os filhos. Tal relação entre empreendedorismo e família será abordada na próxima seção.

2.2.2 A relação entre trabalho e família

Desde a década de 1980, alguns pesquisadores voltaram sua atenção para a divisão de papéis que a mulher que trabalha fora é obrigada a fazer entre a vida profissional e familiar, bem como os conflitos que esse acúmulo de papéis traz (GUILLAUME, 2009). Além de cansativa, a dupla jornada imposta à mulher atualmente representa cerca de 2,5 horas a mais, por dia de trabalho, em comparação aos homens (NOOR, 2002).

Esse tema desperta interesse, talvez pelas implicações que a implantação de um negócio próprio possa trazer para uma organização, para uma família e para o empreendedor como indivíduo. Brush (2009), sugere que mulheres empresárias integrem seus negócios com suas relações familiares, sociais e pessoais. Mas não disserta sobre como isso deve ser feito.

Nos últimos tempos, uma nova nomenclatura surge em que são consideradas mulheres chefes de família aquelas que são as principais responsáveis pelo sustento da casa e dos filhos. Porém, essa dinâmica pode ou não incluir um marido ou companheiro (IPEA, 2021). Segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), em apenas 34% das famílias chefiadas por mulheres há um cônjuge. Ainda segundo o IBGE (2019), em 1950 cerca de 12% dos lares já eram chefiados por mulheres no Brasil. Em 2000 o número subiu para 26%. Depois para 35% em 2009. Entre 2014 e 2019, quase 10 milhões de mulheres assumiram o posto de chefes de família. Porém, isso não significa que elas deixaram de acumular tarefas domésticas, além de trabalhar fora.

A participação da mulher no mercado de trabalho e seu significado na população economicamente ativa, com suas especificidades e particularidades em relação ao mundo masculino traz à tona desafios relacionados à manobra estratégica necessária para administrar os conflitos resultantes da relação entre as duas instâncias: trabalho *versus* vida familiar. Apesar das transformações percebidas nos últimos tempos, as exigências sociais e as expectativas depositadas pela sociedade em relação aos papéis masculino e feminino não se alteraram a ponto de minimizar esses conflitos.

Segundo Marlow (2002 apud CARDOZA et al., 2021), a legitimidade de um negócio pode ser questionada pelos clientes, pelo fato desse negócio ser administrado em casa. Portanto, em uma sociedade que tem uma percepção das mulheres ainda fortemente atrelada aos cuidados com a família e que, por questões culturais, não apoia comportamentos fora desse padrão, a percepção social pode influenciar essas mulheres a não persistirem no papel de empresárias. Segundo Krakauer et al. (2018, p. 94),

a persistência é um importante traço comportamental característico para o desenvolvimento do empreendedorismo, pois o processo de nascimento e crescimento de uma empresa é uma empreitada de incertezas e é extremamente necessário saber lidar com as adversidades que surgem no caminho de possuir o seu próprio negócio.

Apesar de as mulheres estarem ocupando cada vez mais o seu espaço no empreendedorismo, são evidentes as barreiras sofridas por elas. Culturalmente, ainda existem famílias em que não é comum o homem ficar em segundo plano e até mesmo o fato de mulheres trabalharem fora seria uma demonstração de que o homem não é capaz do provimento do sustento da família (PEDEZZI, 2020).

Para Gomes (2004), o fato de a mulher trabalhar fora traz como consequência a dificuldade em conciliar o tempo entre família, casa e filhos. Isso não acontece no mundo masculino. Segundo Stoner (1990), quando se torna empresária, a mulher pode deixar em segundo plano o papel familiar, o que traria como consequência um estado de culpa que, com o decorrer do tempo, acabaria por trazer prejuízos emocionais e sua capacidade produtiva também seria prejudicada. Para a autora, o “malabarismo” a que a empreendedora se vê sujeita a torna alvo muito maior de erros constantes.

Em alguns casos, o que as mulheres pretendem é poder sair da condição de empregadas para a condição de empresárias, acreditando que isso irá gerar mais ganhos do que perdas quanto à sua satisfação pessoal, já que dessa forma podem conseguir maior flexibilização de horários, podendo conciliar atividades domésticas e profissionais (LINDO et al., 2004; QUENTAL; WETZEL, 2002). Em muitos casos, porém, a vida econômica atinge uma melhora, mas a vida familiar fica mais tumultuada gerando um nível de estresse dessas mulheres (SILVA, 2006f).

As mulheres, por conta de sua trajetória histórica conjugada ao *status* feminino, ainda têm sérias dificuldades quando empreendem. Segundo Marlow (2002), existe um conflito e uma demanda de energia que envolvem o papel de mãe, os trabalhos domésticos e que entram em conflito com as necessidades impostas para o desenvolvimento de uma carreira de sucesso, o que torna o contexto social e familiar um fardo difícil para a empreendedora. Além disso, um problema recorrente que as empreendedoras enfrentam é a percepção de falta de confiança nelas depositada, além do conflito pessoal, familiar e empresarial onde sua atenção é constantemente cobrada por todos os membros da família (ALPERSTEDT et al., 2014).

Faz-se necessário para as empreendedoras conciliar suas diversas tarefas, ultrapassando as barreiras impostas pela dificuldade de ascensão na carreira, transformando essas dificuldades em motivação e razões para seu desenvolvimento enquanto empreendedoras (GOMES; GUERRA; VIEIRA, 2011).

Uma forma de se explicar o empreendedorismo feminino é a consciência do papel das mulheres na família, já que essa participação tem forte influência nas possibilidades de se tornar uma empresária.

Com a chegada do século XXI e as mudanças ocorridas nos campos da sociedade, nos setores econômico, político e cultural, os padrões familiares se alteraram de forma significativa, com a definição de novos papéis e trazendo uma nova condição feminina. É sobre esse novo cenário que iremos tratar na próxima seção.

2.3 O cenário atual

O Brasil sempre foi considerado pelos imigrantes o país das oportunidades e o estímulo ao empreendedorismo representa, para milhares de pessoas, a opção de

alcançarem sua autonomia. São fatores que despertam nas pessoas o desejo de terem seu próprio negócio: a possibilidade de se tornar responsável pela geração de sua própria renda; o estímulo ao empreendedorismo realizado por entidades, tais como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), que apresenta em sua missão o fomento ao empreendedorismo, além de orientar futuros e potenciais empreendedores sobre linhas de microcrédito com taxas de juros reduzidas, políticas públicas e o aumento do desemprego. Esse conjunto fez com que os últimos anos tenham sido de resultados positivos para o universo empreendedor.

O Brasil atingiu em 2019 sua segunda maior taxa de empreendedorismo total, ou seja, 38,7% da população adulta estava envolvida de alguma forma com a atividade empreendedora. Também foi verificada a maior taxa de empreendedorismo inicial, desde o início da série histórica em 1999 (GEM, 2019).

Vimos nos últimos dois anos um cenário com mistos de crise financeira, problemas políticos, ameaças em meio à concorrência externa, mas também oportunidades surgindo com a indústria 4.0, entre outras variáveis. Em uma análise macroambiental, a indústria 4.0 se tornou uma importante tendência a ser considerada; também conhecida como “Quarta Revolução Industrial”, essa permite a utilização de várias tecnologias na gestão de negócios, automatizando-se, por meio dela, muitos processos empresariais (SCHWAB, 2016).

O período também foi de oportunidade para o surgimento de novas empresas, com negócios colaborativos nunca pensados. Segundo o Portal do Empreendedor (PE, 2020), de fevereiro a setembro do mesmo ano foram formalizadas 1,15 milhão de novas microempresas individuais (MEIs).

Um levantamento feito pelo SEBRAE, em agosto de 2020, mostra que as vendas *on-line* continuam em alta entre as micro e pequenas empresas, com a utilização de canais digitais, como redes sociais, aplicativos ou internet como plataformas para a comercialização de produtos ou serviços, o que ganha um reforço, no microambiente, com a crescente informatização dos consumidores brasileiros. Isso facilitou o acesso às informações e ampliou o processo de compras, já que hoje nove em cada dez pessoas possui um celular. Uma pesquisa publicada pela Fundação Getúlio Vargas (MEIRELLES, 2021) mostra que o Brasil tem 440 milhões de dispositivos digitais (computadores, *notebooks*, *tablets* e *smartphones*) em uso, o que

significa dois aparelhos por habitante. Do total, 53% são celulares (242 milhões). Os outros 47% são computadores, *notebooks*, *desktops* e *tablets*.

De acordo com Schumpeter (1985), toda nação passa por um ciclo econômico dividido em quatro etapas: *boom*, recessão, depressão e recuperação. O Brasil hoje dá sinais de recuperação de um período de depressão gerado pela crise de Covid-19. Durante esse período, o que se viu foi um despertar criativo dos empreendedores, pois hoje se vê estabelecimentos com um viés colaborativo como aluguel de produtos, compartilhamento de meios de transporte e até de locais de trabalho.

Por outro lado, com a pandemia, se fez necessário, como medida profilática, o isolamento social. Isso impactou diretamente o funcionamento regular dos setores de prestação de serviços e industrial do país. O reflexo econômico desse cenário pode ser comprovado, por exemplo, pelo índice do desemprego divulgado em outubro de 2020, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020). Os dados apresentados mostram aumento de 33,1% da taxa entre os meses de maio a setembro, o que representa aumento de 3,4 milhões em cinco meses, atingindo total de mais de 13,5 milhões de desempregados.

Outro entrave a ser superado é a burocracia. Segundo relatório do *Doing Business* (DOING, 2018), o Brasil ainda é um dos países mais burocráticos para a abertura de um negócio, levando cerca de 100 dias, enquanto em países mais desenvolvidos a média é de cinco dias. De acordo com relatório do Banco Mundial (2020), que considerou 190 países, o Brasil está na 176ª posição, o que reflete elevado número de licenças e procedimentos que precisam ser obedecidos, além de custos com alvarás e liberações específicas.

Ainda contextualizando o cenário atual, no que diz respeito ao gênero, segundo o Relatório Mundial sobre a Desigualdade de Gênero (FORUM, 2020, p. 1), “o tempo necessário para eliminar a desigualdade de gênero diminuiu para 99,5 anos em 2019”. Apesar de ser uma melhoria em relação a 2018 – altura em que se calculou que a desigualdade demoraria 108 anos a desaparecer –, isso significa ainda que conseguir paridade entre homens e mulheres na saúde, educação, no trabalho e na política demorará mais do que uma vida. Segundo o relatório, essa melhoria pode ser atribuída ao aumento considerável no número de mulheres na política.

Outro campo em que a batalha é árdua é o econômico. Em 2018, a participação feminina nesse campo era de 58,1%, enquanto em 2019 caiu para 57,8%. Essa

desigualdade é atribuída, no Relatório Mundial sobre a Desigualdade de Gênero (FORUM, 2019), aos baixos níveis de mulheres em posição de gestão ou liderança e à estagnação salarial, participação na força de trabalho e rendimentos.

Hoje, o que existe é a necessidade da quebra de um paradigma quanto à capacidade de liderança da mulher, assim como do avanço em novas funções, ganhando força e apoio das organizações e pessoas em todo o planeta.

2.3.1 A relação entre empreendedorismo e maternidade

Perceber que o empreendedorismo feminino cresce ano a ano é fato comprovado em pesquisas recentes. Segundo dados do GEM (GRECO, 2019), o número de mulheres empreendedoras no Brasil vem se aproximando do número de homens que empreendem. É muito importante, nesse contexto, o entendimento do ambiente onde o empreendedorismo materno funciona como uma mola propulsora desse fato.

A dinâmica feminina tem se alterado por vários motivos, tais como o aumento da participação das mulheres no mundo acadêmico, continuando no ensino superior, bem como a infinidade de produtos domésticos que surgiram em uma revolução tecnológica que auxilia muito nas tarefas domésticas. Também os homens têm se tornado mais participativos na administração da casa e na educação dos filhos (OLIVEIRA, 2008). Uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgada em 2020, indica um aumento da participação masculina nas tarefas domésticas, sendo que hoje 92% das mulheres realizam afazeres domésticos, contra 78% dos homens. No cuidado com os filhos, a divisão da mulher com o marido aumentou de 12% em 2018 para 37% em 2020.

A vida de uma mulher se transforma quando ela se torna mãe, tanto no aspecto pessoal quanto no profissional. Quando chega o bebê, existe a divisão de tempo para conciliar a rotina com o trabalho e a criação do filho. Nesse momento, o empreendedorismo pode ser uma excelente alternativa. Segundo pesquisa da Rede Mulher Empreendedora (RME, 2019), a decisão de empreender para a mulher está ligada à independência financeira e à maternidade e 75% das empreendedoras decidem ter um negócio após a maternidade. Dados da pesquisa também revelam que 53% das empreendedoras brasileiras são mães que buscam conciliar a vida

doméstica com a profissional, sendo que, de cada quatro mulheres, uma tem filhos pequenos com cinco anos ou menos.

Segundo Brush (2009), ainda é comum que as mulheres sejam vistas como “emotivas” e é normal a crença de que o comprometimento feminino será menor com o trabalho se tiverem filhos envolvidos. Dentro de um contexto familiar, a maternidade pode impactar mais a vida das mulheres do que a dos homens. Ainda segundo a autora (BRUSH, 2009), a maternidade e o “ambiente senhora” podem não ser facilmente identificados. Nesse contexto, os papéis socioculturalmente definidos para homens e mulheres podem ter peso muito grande. Esse contexto familiar pode também explicar diferenças econômicas e sociais.

Se isso acontecer, para as empreendedoras que atuam como empresárias, a maternidade poderá sofrer influência direta e o papel da família poderá afetar as redes de informação e de atuação para novas oportunidades de mercado. Dessa forma, um alto comprometimento dessas empreendedoras com a família pode gerar menor interação com as redes de mercado financeiras ou industriais, podendo, desta forma, afetar as perspectivas de crescimento do empreendimento, assim como a autoeficácia empresarial pode ser influenciada pela inserção familiar e o valor de oportunidade.

Quental e Wetzel (2002) estudaram a vida profissional e pessoal de mulheres empreendedoras brasileiras e investigaram aspectos de relacionamento, incluindo companheiros, filhos, aspectos pessoais e até de lazer. Os autores concluíram que a busca principal ao optarem pela atividade empreendedora foi pela flexibilidade e autonomia que permitem conciliar as demandas familiares com o trabalho.

Os estudos de Strobino e Teixeira (2014) apontam que ser empreendedora é uma forma de conciliar trabalho e família, conseguindo maior controle do tempo. Silva (2006) mostra o surgimento de um pai mais participativo, mas que também se preocupa em ser um executivo de prestígio.

Segundo Peduzzi et al. (2020), após a maternidade o tempo de dedicação ao negócio é reduzido e isso comprova que é um desafio para as mulheres conciliarem o negócio com a família.

Mesmo diante disso, é grande o número de mulheres empreendedoras de sucesso. Segundo dados de um levantamento da *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM, 2018), realizado com 49 países, o Brasil é o sétimo país com o maior número de mulheres empreendedoras. São mais de 24 milhões de brasileiras que

empreendem e participam ativamente da economia. Como afirma Costa (2018), hoje a realidade das mulheres é muito diferente da vivida antigamente, pelas donas de casa. Atualmente, para conciliarem casa e trabalho, lidam com as multitarefas sendo mães, esposas, profissionais.

Segundo levantamento de dados feito pela Fundação Getúlio Vargas (AZEVEDO, 2017), metade das mulheres perderam seus empregos em até dois anos após a licença maternidade. O estudo foi feito envolvendo 247 mil mulheres com idade entre 25 e 35 anos, sendo que a maioria relatou ter sofrido hostilidade no ambiente de trabalho desde o início da gestação.

Pensando em auxiliar essas mulheres, existem projetos que apoiam quem tenta conciliar maternidade e negócios. Trata-se de empresas que capacitam as empreendedoras e as conectam com outras empresárias, fornecedoras e com clientes. Alguns desses projetos são: *B2Mamy*, Rede Mulher Empreendedora, *Work It Mom*, *Mompreneurs*.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo é abordada a metodologia utilizada para a realização da pesquisa e obtenção de respostas para o problema formulado: Como as empreendedoras, que empreenderam após a maternidade, lidam com as oportunidades e com os desafios que surgem em sua trajetória?

O subcapítulo 3.1 apresenta uma caracterização geral da pesquisa. A seção 3.2 traz os sujeitos da pesquisa, com suas delimitações. Em seguida, na seção 3.3 tratamos da coleta de dados. A seção 3.4 indica de que forma é feita a análise dos dados.

3.1 Caracterização geral da pesquisa

Esta pesquisa é classificada como exploratória que, segundo Gil (2008), tem por objetivo modificar ou esclarecer conceitos, proporcionando maior familiaridade com o problema de pesquisa.

Com o intuito de pesquisar experiências das entrevistadas de forma mais ampla e analisar mais profundamente os dados coletados, foi utilizada uma abordagem qualitativa, através de roteiro de entrevistas semiestruturado. Isso porque a pesquisa qualitativa busca compreender os fenômenos a partir das perspectivas daqueles que vivem aquela realidade (GRUBITS; NORIEGA, 2004). Houve também um estudo em torno da trajetória de empreendedoras para, através disso, analisar em profundidade os conceitos levantados dentro de seu contexto. A estratégia utilizada foi a pesquisa de campo e a adoção dessa metodologia buscou revelar como foi o processo de empreender das mulheres, o que elas identificaram como fatores de desafios e de oportunidades nesse processo e como lidaram com os mesmos.

Porém, é importante ressaltar que, no entendimento de Bauer e Gaskell (2012), o objetivo de um estudo qualitativo não se baseia em contar opiniões ou pessoas, mas em explorar a diversidade.

Esta pesquisa, portanto, visa explorar a diversidade das entrevistas para engrandecer as perspectivas a respeito do empreendedorismo na pós-maternidade.

3.2 Sujeitos da pesquisa

A pesquisa teve como critérios delimitantes mulheres empreendedoras, cujos empreendimentos existem há pelo menos 36 meses e que empreenderam após a maternidade. Para isso, foram considerados tantos casos quanto necessário para que se atingisse a saturação de dados, conforme Bardin (2009), que afirma que as entrevistas em estudos qualitativos são limitadas pelo fenômeno da saturação.

Foi feito um contato inicial com doze empreendedoras e as questões que seriam inclusas no roteiro, foram explicadas previamente, em função das respondentes demonstrarem dúvidas se poderiam ou não participar da pesquisa. Esse contato foi feito entre a primeira semana de março de 2022 e a quarta semana de abril de 2022. Após esse contato, oito empreendedoras concordaram em responder a pesquisa.

Por questões éticas, cada empreendedora recebeu um código e foi identificada na dissertação a partir do mesmo. O objetivo das entrevistas foi o de nos dar subsídios para entender como as empreendedoras classificam as oportunidades e os desafios durante o processo empreendedor, desde o início de seu empreendimento até hoje, e de que forma lidaram com esses fatores.

O método de seleção da amostra foi por conveniência, pois as empreendedoras selecionadas para a pesquisa, estavam disponíveis e não obedeciam a um critério estatístico definido. Em função da conveniência, todas as entrevistadas residem no Estado de São Paulo, o que despertou na pesquisadora o questionamento sobre as possíveis diferenças que poderia encontrar nos resultados, se fizesse a pesquisa em outras regiões, como Norte ou Nordeste por exemplo, que possuem contextos totalmente diferentes dos encontrados no Estado de São Paulo. No presente estudo, participaram oito empreendedoras

3.3 Coleta de dados

Foi utilizada como instrumento para a coleta de dados a entrevista em profundidade, semiestruturada. O roteiro das entrevistas contém perguntas de caráter semiestruturado, com o intuito de obter respostas mais espontâneas e mais detalhes. Conforme Vergara (2009), uma entrevista semiestruturada permite inclusões,

exclusões, mudanças em geral nas perguntas, explicações ao entrevistado quanto a alguma pergunta ou palavra, o que lhe dá um caráter de abertura.

Em um primeiro momento, foi solicitado às entrevistadas autorização para que as entrevistas fossem utilizadas. Posteriormente foram realizadas as transcrições das entrevistas na íntegra.

Dessa forma, as entrevistas foram realizadas de forma individual e as entrevistadas tiveram sua identidade preservada, assim como mantiveram sua privacidade, sentindo-se mais à vontade nas respostas.

Essas entrevistas ocorreram por meio digital, através de aplicativo de mensagens e formulário previamente estabelecidos, com preenchimento de um questionário, cujas perguntas buscaram compreender o que as entrevistadas consideraram oportunidades e desafios durante o período do início do empreendimento até os dias atuais, assim como de que forma lidaram com esses fatores para se tornarem empreendedoras de sucesso. A duração de cada entrevista foi de aproximadamente duas horas.

3.4 Análise dos dados

O presente trabalho se vale da pesquisa qualitativa, que tende a gerar uma quantidade significativa de dados; com isso, esses precisam ser muito bem organizados para seguir com a análise mais fidedigna e imparcial possível (BARROS; LEHFELD, 2010). Dessa forma, esta pesquisa seguiu as seguintes etapas:

- o primeiro passo foi a organização dos dados;
- o segundo passo foi a transcrição dos dados, identificando o que é e o que não é relevante, dentro da temática do empreendedorismo e dos objetivos que pretendemos alcançar com o trabalho;
- o terceiro passo foi a interpretação de dados por categorias teóricas de análise;
- o quarto e último passo foi a interpretação dos dados, reunidos através do roteiro semiestruturado do Apêndice A.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo são apresentados e discutidos os principais resultados alcançados com a pesquisa de campo. O estudo foi realizado com mulheres que empreenderam após a maternidade, cujos empreendimentos existem há pelo menos 36 meses, e que residem no estado de São Paulo.

Segundo Creswell (2010), a aplicação de entrevistas é favorável quando não se pode observar diretamente os indivíduos envolvidos, permitindo ao pesquisador coordenar de forma pessoal a linha do questionamento. A entrevista se baseou em um roteiro preestabelecido, mas que possibilitou, quando necessário, a formulação de novas questões. Portanto, a entrevista caracterizou-se como semiestruturada (Apêndice A).

Inicialmente, é apresentado um perfil das entrevistadas e, posteriormente, apresenta-se um panorama de como as participantes do estudo definem os desafios e as oportunidades que surgiram no processo empreendedor. O objetivo geral da pesquisa é analisar as oportunidades e desafios do exercício do empreendedorismo, sob a visão dessas mulheres, que empreenderam após a maternidade.

4.1 Perfil das entrevistadas

Para a realização das entrevistas, foram selecionadas mulheres que empreenderam após a maternidade e que residem no estado de São Paulo. Conforme relatado na metodologia, para manter a confidencialidade referente à identidade das entrevistadas, cada empreendedora recebeu um código e foi identificada na dissertação a partir do mesmo. Os termos de consentimento assinados encontram-se em poder da pesquisadora.

Através de contato telefônico com algumas mulheres que atendiam os requisitos da pesquisa, 12 delas demonstraram interesse em participar, mas apenas oito responderam efetivamente ao questionário. As entrevistas foram então agendadas através de uma plataforma de comunicação instantânea (Google Meet), segundo a disponibilidade de cada uma. O Quadro 1 abaixo traz um resumo, com as principais características das entrevistadas.

QUADRO 1 – Perfil das entrevistadas

ENTREVISTADAS	IDADE	ESTADO CIVIL	RAMO DE ATIVIDADE	TEMPO	FORMAÇÃO	APOIO EM CASA
E01	42	UNIÃO ESTÁVEL	SUPORTE T.I.	3,9 anos	SUP. INCOMPLETO	1X P/ SEMANA
E02	44	DIVORCIADA	PRODUTOS PETS	4,4 anos	MESTRADO	1X P/ SEMANA
E03	44	CASADA	TREINAMENTOS	5,10 anos	PÓS-GRADUAÇÃO	TODOS OS DIAS
E04	39	CASADA	SALÃO BELEZA	4,4 anos	2º GRAU	2X P/ SEMANA
E05	33	UNIÃO ESTÁVEL	BRINDES	5 anos	2º GRAU	SOGRA
E06	51	UNIÃO ESTÁVEL	LEILÕES	15 anos	SUP. INCOMPLETO	MARIDO
E07	43	CASADA	ARTESANATOS	6,3 anos	SUP. INCOMPLETO	MARIDO E FILHAS
E08	45	DIVORCIADA	PRODUTOS PETS	4,4 anos	SUPERIOR	SEM APOIO

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Das oito mulheres entrevistadas, cinco moram na cidade de São Paulo, uma reside na cidade de Jacareí e duas, na cidade de Itupeva, todas no estado de São Paulo. Duas das entrevistadas possuem idade entre 30 e 39 anos. Cinco possuem idade entre 40 e 49 anos. E apenas uma tem idade superior a 50 anos. Três mulheres são casadas, duas são divorciadas e três têm regime de união estável.

Houve uma diversidade no ramo dos empreendimentos iniciados e a duração deles têm variação de tempo de abertura que vai de três anos e nove meses a 15 anos. O tempo de existência das empresas revela que apenas uma tem mais de 10 anos, mostrando que o movimento empreendedor tem se fortalecido e crescido nos últimos anos, reforçando tendência apontada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2019).

Quanto à formação, duas mulheres completaram o ensino superior, uma tem pós-graduação, uma cursa o mestrado, duas têm o ensino superior incompleto e duas cursaram até o segundo grau. Todas as entrevistadas empreenderam após se tornarem mães. Uma questão que chamou a atenção foi o fato de que apenas 50% das entrevistadas são graduadas ou pós-graduadas. Mas todas afirmaram em suas respostas que o fato de se tornarem empreendedoras motivou-as, depois de estabelecidas, a procurar cursos para melhor administrarem seus negócios e que planejam voltar aos estudos, demonstrando que o conhecimento é valorizado para essas mulheres.

É possível verificar no Quadro 1 acima que cinco mulheres possuem uma ajudante no lar por pelo menos uma vez por semana. Essa é uma forma encontrada para diminuir a carga horária despendida para os afazeres domésticos e possibilitar maior dedicação aos negócios. Segundo as entrevistadas, com isso conseguem uma otimização e melhora na qualidade de tempo. A necessidade de uma auxiliar para as tarefas domésticas está relacionada diretamente à idade dos filhos, se frequentam a escola em período integral ou parte dele.

É possível verificar isso no caso da entrevistada E05 que, apesar de não ter uma ajudante contratada para as tarefas do lar, conta com o auxílio da sogra, tanto para os cuidados com os dois filhos, quanto para as tarefas de cuidados com a casa. Ela tem dois filhos em idades de 12 e 7 anos e a mãe idosa que reside com ela. Com sua carga de trabalho de pelo menos 10 horas diárias, sem essa ajuda seria impossível manter o bom funcionamento da casa.

4.2 História das entrevistadas

Nesta seção, será apresentada uma síntese das entrevistas realizadas com as mulheres que empreenderam após a maternidade, a fim de se entender melhor a atuação das mulheres que integraram a amostra deste estudo. Nos relatos serão utilizadas palavras e expressões empregadas pelas próprias respondentes durante a entrevista e a análise completa das entrevistas está disponível no Apêndice B deste trabalho.

A *empreendedora E01* relatou que desde os 18 anos de idade trabalhava em regime CLT nos setores financeiro e de recursos humanos de empresas privadas e nunca se sentiu devidamente valorizada e reconhecida. Desde essa época, pensava em ter um negócio próprio, mas a ideia nunca evoluía. Quando se casou, o marido já trabalhava no setor de tecnologia da informática e sempre comentava sobre seu dia a dia. Ela, então, notou que havia uma carência de atendimento nesse setor. Com o nascimento da segunda filha, ela e o marido decidiram que ela pararia de trabalhar até que a filha alcançasse uma idade de frequentar a escola. Já estava há dois anos parada e sentia falta de sua independência financeira e do contato com outras pessoas fora do lar. Então decidiu abrir seu negócio, buscando conciliar o lado

materno e o profissional. Finalizou dizendo que não houve arrependimento em se tornar empreendedora.

A *empreendedora E02* trabalhou desde os 18 anos, em regime CLT. Iniciou trabalhando na secretaria da universidade onde cursava veterinária. Depois cursou fisioterapia no mesmo local. Não pensava em abrir um negócio próprio naquela época, mas se sentia presa, sem autonomia para tomar decisões, sem liberdade de horários. Queria ter liberdade de escolha em todos os processos de sua vida. Apesar da segurança financeira que tinha, não se sentia realizada e com a chegada da primeira filha, se sentia culpada pela falta de atenção que dispensava a ela, pelo pouco tempo que podia lhe dedicar. Acreditou que tendo seu próprio negócio conseguiria conciliar a vida profissional e materna; assim decidiu abrir seu negócio, do qual, apesar dos desafios que enfrentou, não tem nenhum arrependimento.

A *empreendedora E03* trabalhava desde os 14 anos de idade em empresas privadas, em regime CLT. Entrou na faculdade de administração de empresas e depois fez pós-graduação em comércio exterior. Começou a atuar na área e desenvolveu uma carreira sólida, com bons cargos e salários. Após se casar, teve um aborto espontâneo e percebeu que era muito “máquina”, muito “ligada no automático”. Também achava que tudo tinha que acontecer no seu tempo e quando ela programava. Com a gravidez, viu despertar seu lado maternal. Como gerenciava muitas jovens na empresa em que atuava, via a falta de vontade, o desânimo quando essas jovens se tornavam mães e não conseguiam conciliar a vida profissional e materna. Começou a surgir a vontade de criar esse negócio e trabalhar ajudando as pessoas e ter mais tempo para se dedicar à filha. Planejou por dois anos e fez a transição de carreira de forma tranquila, começando os atendimentos à noite, se desligando do mundo corporativo aos poucos. Especializou-se e aí passou a atuar somente no seu empreendimento. Afirma que nunca se arrependeu de ter empreendido.

A *empreendedora E04* começou a trabalhar com 15 anos, em uma loja de fotografias. Depois também trabalhou como recepcionista em restaurantes, sempre em regime CLT. Quando tinha 16 anos, surgiu uma oportunidade em um salão de beleza e ela aprendeu o ofício de manicure. Nessa época, já se viu responsável pelo aluguel do espaço que ocupava dentro do salão e pelo pagamento do material que utilizava. Assim, diz que a decisão de ter seu próprio negócio surgiu pela necessidade.

Na época, não tinha condições financeiras para isso. Com o casamento e a maternidade, percebeu que se cobrava muito pela falta de tempo que tinha para os filhos e viu no empreendedorismo uma oportunidade de conciliar o lado materno e o profissional. Foi assim que abriu seu próprio salão e afirma que não houve arrependimento quanto a isso.

A *empreendedora E05* trabalhava desde os 17 anos como recepcionista em consultórios médicos, em regime CLT. Nunca gostou das tarefas que executava, mas por questões financeiras não teve oportunidade de cursar a faculdade. Seu *hobby* era planejar e preparar as festas familiares, como aniversários e Natal. Gostava de preparar a decoração, as lembrancinhas e com isso foi aprendendo, fazendo cursos, comprando equipamentos. Quando engravidou, viu no empreendedorismo uma forma de conciliar os cuidados com os filhos, com o lado profissional, conquistando a independência financeira que sempre quis. Afirma que nunca se arrependeu de ter empreendido.

A *empreendedora E06* começou a trabalhar com 15 anos em empresas privadas, como auxiliar de escritório, em regime CLT. Mais tarde, ao trabalhar em uma empresa que realizava leilões, percebeu que os clientes preferiam falar com ela do que com seu patrão. Cursava, então, o segundo ano do curso de administração de empresas. Foi então que engravidou e percebeu o quanto era difícil conciliar a vida de mãe com a de profissional. Também sofria assédio moral de seu patrão, que percebia o quanto ela precisava do emprego. Resolveu então abrir sua própria empresa de leilões, para ter mais flexibilidade de tempo, conciliar a vida de mãe com a profissional e ganhar sua independência financeira. Diz que não se arrepende de ter empreendido.

A *empreendedora E07* começou a trabalhar aos 17 anos, em um escritório de contabilidade, pois a mãe acreditava que era importante ter um emprego fixo, com salário garantido e conseguiu esse emprego para ela, na empresa de um conhecido. Ela não gostava do trabalho que fazia, mas na época, como era muito nova, não tinha autonomia para decidir e escolher o que queria. Houve uma briga no escritório e o clima ficou muito pesado. Ela então pediu demissão. Logo depois disso se casou e ficou um tempo sem trabalhar, mas sentia falta de ter sua independência financeira. Quando se tornou mãe, queria comprar as coisas para ela e para suas filhas, sem precisar pedir dinheiro ao marido. Como já organizava as festas da família e de alguns

amigos, viu que gostava dessa dinâmica e que esse setor era promissor; assim resolveu abrir sua empresa, vendo nisso a possibilidade de conciliar a vida de mãe, dona de casa e a profissional. Nunca se arrependeu de ter empreendido, diz que foi a melhor coisa que fez.

A *empreendedora E08* sempre seguiu muito o que sua mãe determinava. Relata que nunca teve voz ativa ou conseguiu fazer valer aquilo que queria, enquanto era mais jovem. Coursou administração de empresas por imposição da mãe, especializou-se em recursos humanos e trabalhou nessa área por um bom tempo. Quando se casou, veio a cobrança para ser a dona de casa perfeita. Quando se tornou mãe, a cobrança aumentou e ela foi se deprimindo, vendo que nunca tinha tido a alegria de trabalhar em algo que realmente gostava. Mas a culpa por querer ter uma carreira e priorizar isso ao invés dos filhos era gritante. Foi então que após um período de depressão, ela resolveu que precisaria mudar por ela e pelos filhos e foi cursar nutrição, algo que ela sempre quis. Com isso, os conflitos familiares aumentaram e uma forma que ela viu de conciliar a vida de mãe com a profissional foi abrindo o próprio negócio, para ter maior flexibilidade de horários e uma autonomia de decisões maior. Diz que apesar de ter sido muito difícil, foi a melhor decisão da vida dela.

O relato sobre a trajetória de vida das empreendedoras atende o objetivo específico número dois desta dissertação. Em seguida, serão analisados os dados apurados com as entrevistas. No Quadro 2, pode-se perceber a análise do contexto das entrevistas realizadas com as empreendedoras.

QUADRO 2 - Análise do contexto das Entrevistas com as Empreendedoras

Empreendedoras	Dificuldades como funcionária	Vantagens como funcionária	Motivos para empreender	Desafios como empreendedora	Oportunidades como empreendedora	Fatores críticos de sucesso	Arrependimento
E01	"Não me sentia reconhecida ou valorizada"	"Tinha benefícios como salário fixo e fundo de garantia"	"Busquei conciliar o lado materno e o profissional. Queria independência e flexibilidade de horários"	"Insegurança financeira e carga tributária que dificulta manter a empresa aberta"	"Realização pessoal, melhor qualidade de vida, melhora na relação com filhas e maior liberdade de escolhas"	"A qualidade do atendimento"	"Nunca tive arrependimento"
E02	"Não tinha autonomia para tomar decisões nem liberdade de horários"	"Não tinha preocupação em pagar as contas da empresa"	"Queria me livrar da culpa que sentia por dar pouca atenção a minha filha conciliando vida profissional e materna com maior flexibilidade de horários"	"A instabilidade de não saber como vai fechar o mês e ter controle sobre os meses bons para não faltar nos meses ruins"	"Amadurecimento profissional e maior qualidade de vida"	"Escolha de bons parceiros, controle financeiro e inovação"	"Me sinto mais segura e nunca me arrependi"
E03	"Percebi que era muito 'máquina' e muito 'ligada no automático' "	"Tinha benefícios, plano de carreira, estabilidade."	"Após um aborto espontâneo percebi que o lado materno era muito importante e procurei conciliar com o profissional e com flexibilidade de horários"	"Depender da instabilidade econômica e política e saber lidar com a parte financeira inconstante e com o lado emocional"	"Acabei de me tomando mais corajosa até na vida pessoal"	"Um pós venda bem feito e com qualidade"	"Não houve arrependimento"
E04	" Já era responsável financeiramente pelo espaço que ocupava e tinha um baixo salário"	"Tinha a garantia de salário fixo todos os meses"	" Queria dar mais atenção aos meus filhos e ter maior independência financeira"	"A instabilidade de meses muito bons e outros muito ruins que traz um desgaste emocional muito grande"	"A realização pessoal e a melhor qualidade de vida"	"A fidelização dos clientes com encantamento"	"Não tive arrependimento porque é algo que sempre me fez bem"

E05	"Não sentia prazer nas tarefas que executava"	"Podia contar com salário fixo e programação de férias"	"Queria trabalhar com o que gosto tendo independência financeira, flexibilidade de horários podendo dar mais atenção aos meus filhos"	"Os impostos muito altos, instabilidade econômica do país, dificuldades de contratação de mão de obra por causa de muitos encargos"	"A independência financeira com maior flexibilidade de horários e melhora na minha auto-estima"	"A qualidade do atendimento"	"Mesmo nos dias mais difíceis não me arrependi"
E06	"Sofria assédio moral por ser mãe solteira e precisar muito do emprego"	"Tinha salário fixo e benefícios"	"Queria independência financeira, flexibilidade de tempo e conciliação de vida materna e profissional fazendo o que gosto"	"Não ter uma parte financeira segura"	"Alcançar a independência financeira com realização pessoal trabalhando no que gosto"	"Parcerias com empresas corretas e o uso da Internet"	"Não me vejo fazendo outra coisa"
E07	"Eu não gostava das tarefas que desempenhava"	"Podia contar com salário fixo e benefícios"	"Queria trabalhar em algo que gostasse e alcançar a independência financeira"	"Falta de apoio financeiro de instituições bancárias, carga tributária que impede contratações"	"Me sentir realizada e ter minha independência financeira com maior qualidade em família"	"Qualidade que faz com que os clientes me indiquem e inovação constante"	"Não me arrependi"
E08	"Eu trabalhava em algo que não gostava"	"Eu tinha salário fixo e os benefícios"	"Queria ter mais autonomia trabalhando no que gosto e conseguir independência financeira"	"Instabilidade financeira e cobrança da família para ter maior atenção"	"Tenho mais reconhecimento, mais credibilidade e me sinto mais forte e segura"	"Rede de apoio que formei de clientes e fornecedores que sempre me socorrem"	"Não houve arrependimento"

Fonte: elaborado pela autora (2022)

4.3 Desafios e oportunidades vivenciados

Conforme visto na história das empreendedoras, a maternidade foi um fator que as impulsionou a empreender. Essa decisão trouxe mudanças em suas trajetórias, proporcionando oportunidades e um crescimento pessoal que todas consideraram válido e do qual todas afirmam que não trazem arrependimento. Esse crescimento também foi possível com o aprendizado adquirido ao lidarem com os desafios que encontraram pelo caminho.

Para 100% das entrevistadas, o principal motivo para empreender foi o de conseguirem conciliar a vida materna e a profissional. Empreender significava para elas a oportunidade de ter uma renda própria que lhes garantisse a independência financeira, com a flexibilidade de horários necessária para conciliar a vida profissional à demanda doméstica. Além disso, poderiam trabalhar com algo que realmente gostassem, com maior liberdade de escolha. As principais oportunidades vislumbradas, que foram relatadas:

- independência financeira: empreendedoras E01, E04, E05, E06, E07 e E08;
- flexibilidade de horários: empreendedoras E01, E02, E03, E04, E05, E06 e E08;
- trabalhar no que gosta: empreendedoras E05, E06, E07 e E08;
- fugir do ambiente hostil: empreendedoras E02 e E07;
- maior liberdade de escolhas: empreendedoras: E02, E03, E05, E06, E07 e E08;

- a possibilidade de trabalhar em casa, perto dos filhos: empreendedoras E01, E03 e E08.

Segundo relato das entrevistadas, com essas oportunidades vieram também os primeiros desafios a serem enfrentados. Segundo elas, é desafiador deixar um emprego com as garantias e benefícios de uma contratação em regime CLT, com salário fixo, fundo de garantia, férias, décimo terceiro, para arriscarem em um negócio sem um futuro certo. Em muitos casos, isso só se tornou possível com o auxílio de seus parceiros, que complementaram ou garantiram o pagamento das despesas da família, até que o negócio se tornasse próspero. Portanto, o sonho da independência financeira, em geral, pode demorar um pouco a chegar, como afirma a empreendedora E01, que tem uma participação de 35% na renda da família e ainda depende em parte da renda do marido. Segundo ela,

Em comum acordo com meu parceiro, ele paga a maior parte das despesas para que eu tenha um valor suficiente para atender às minhas necessidades pessoais e de minhas filhas, como, por exemplo, fazer uma surpresa de aniversário, sem depender do dinheiro dele (E01).

Além disso, ainda há em muitos casos a oposição da família, que teme que empreender seja a troca do certo pelo incerto. As entrevistadas E03, E05, E06, E07 e E08 tiveram que enfrentar a oposição de seus pais, que acreditavam que elas não deveriam sair de seus empregos seguros para se aventurarem em algo incerto.

O Gráfico 1 abaixo demonstra a participação da renda de cada entrevistada no total da renda de sua família.



Fonte: elaborado pela autora (2022)

A flexibilidade de horário foi um dos tópicos mais apontados como oportunidade, tendo sido citado pelas empreendedoras E01, E02, E03, E04, E05 e E08, pois conseguem conciliar assuntos particulares e profissionais sem dependerem de autorização de um superior. Porém, segundo os relatos, é um desafio constante fazer uma administração de tempo eficiente, com uma divisão coerente entre os trabalhos domésticos, com as atividades da casa, cuidados com os filhos, marido e demais pessoas e as atividades profissionais. O Gráfico 2 abaixo demonstra a quantidade de horas dedicadas ao trabalho doméstico e ao empreendimento.



Fonte: elaborado pela autora(2022)

A carga horária de trabalho variou entre 9 e 14 horas diárias, enquanto a carga horária dedicada às atividades do lar variou de duas a seis horas diárias. Metade das entrevistadas trabalha cerca de 12 horas ou mais todos os dias, o que demonstra que recai sobre as empreendedoras uma alta carga de trabalho. Isso durante os dias de semana. Aos finais de semana, essa variação pode ser maior.

No caso das empreendedoras E04, E05, E06 e E07, as características dos empreendimentos as fazem ter uma carga de trabalho maior aos finais de semana, o que traz como consequência a cobrança pela ausência em eventos familiares. Segundo relata a empreendedora E07: “Minha mãe e irmãos vivem me dizendo que não participo mais dos almoços em família e que minhas filhas já não os reconhecem” (E07).

Outro desafio citado pelas empreendedoras E01, E03, E04, E05, E06 e E07 é o fato de não conseguirem um sócio para o empreendimento. Uma sociedade poderia significar a divisão de responsabilidades e da carga de trabalho, com maior segurança para saírem em um período de férias, por exemplo. O motivo mais citado é que não encontraram alguém em quem pudessem realmente confiar, tanto na questão financeira, quanto na divisão dos propósitos e objetivos do empreendimento. A empreendedora E06 relata que tentou no início uma sociedade, mas o sócio em questão fazia contratações que fugiam de seu orçamento, colocando em risco a saúde financeira do seu negócio. As empreendedoras E02 e E08, as duas únicas da amostra que possuem sociedade, afirmam que é muito importante esse tipo de apoio, pois conseguem dividir as tarefas, aproveitar as habilidades que cada um possui e fazer um aproveitamento melhor do tempo.

Conforme a narrativa das entrevistadas, outro grande desafio que enfrentam é a dificuldade de contratação de mão de obra. Os motivos apontados são:

- dificuldade em encontrarem pessoas treinadas, qualificadas;
- carga tributária que torna os salários e a contratação muito caros.

Segundo relato da entrevistada E02, ela tinha um Pet Móvel para banho e tosa e muitas vezes, com o serviço já agendado, o funcionário faltava, sem justificativa. Uma solução que as entrevistadas têm encontrado é a formação de parcerias com empresas terceirizadas. Afirmam que são mais seguras e baratas. Como afirma a

entrevistada E04, ela tem seis parceiros autônomos em seu salão, que fornecem serviços com pagamento de comissão.

A carga tributária é um desafio não só quando tratamos dos salários, mas das alíquotas incidentes em matérias-primas, produtos e serviços. As entrevistadas afirmam que os altos impostos e taxas cobrados, para que se mantenha uma empresa aberta, consomem grande parte do lucro e reduzem as margens de comercialização.

Quando se fala sobre empreender em casa ou em um escritório fora de casa, as opiniões se contrastam e pode-se perceber que existem oportunidades, mas também desafios nessa questão. As empreendedoras E01, E03 e E05 têm empreendimentos com sede e atendimento somente em casa. Afirmam que é vantajoso por não perderem tempo com o deslocamento, não se estressarem no trânsito, por não terem despesas com combustível. Em contrapartida, apontam outras dificuldades e desafios diários com os quais têm que lidar. A entrevistada E01 afirma que sente falta de se arrumar e de ter contato com outras pessoas, por exemplo.

As empreendedoras E02, E06, E07 e E08, que empreendem em casa, mas também atendem externamente, afirmam que um grande desafio quando estão trabalhando em casa é fazer com que os filhos e até mesmo outras pessoas da família entendam que o fato de elas estarem ali não significa que estão disponíveis. É o caso da entrevistada E07, em que a entrevistada refere que, em certa ocasião, sua mãe achava que por ela estar em casa estaria disponível para cuidar dos filhos da irmã que iria se ausentar.

Todas as entrevistadas relatam que têm dificuldades em lidar com a culpa por priorizarem o trabalho. Julgam estar falhando com os filhos e com a família, negligenciando a atenção com eles.

Outro desafio para as empreendedoras é separarem o ambiente doméstico do profissional. As empreendedoras E01, E06, E07 e E08 afirmaram em seus depoimentos que são frequentes as situações em que se pegam em atividades domésticas, em horário comercial. Como relata a entrevistada E08: “Eu não posso ver uma pia cheia de louça, que paro o que estou fazendo e vou lavá-la” (E08). As entrevistadas E01, E02, E03, E05, E06, E07 e E08 também comentaram que se sentem sempre como se “não encerrassem o expediente”. Relatam que é como se o ambiente de trabalho se estendesse ao ambiente doméstico, fazendo com que o nível de estresse aumente, pois demoram mais tempo para relaxar.

Para lidarem com essas questões, as entrevistadas E07 e E08 afirmam que têm feito um esforço para se condicionarem aos horários comerciais e só desenvolverem tarefas caseiras, fora desse período. É uma forma que estão encontrando para administrar de maneira mais otimizada o seu tempo. Já a entrevistada E01 alterou o período de escola do seu filho para integral. E a entrevistada E05 deixa seus filhos, no período em que não estão na escola, sob os cuidados da sogra. Afirmam que isso fez com que a relação com as crianças melhorasse muito.

Outro desafio que as empreendedoras enfrentam é o aspecto financeiro. Todas afirmaram que precisaram aprender a administrar as finanças, pois existem meses bons e outros não tão bons e é necessário que se faça um planejamento para que não falem recursos financeiros durante todo o ano. E é unânime o relato das mulheres empreendedoras sobre as dificuldades que enfrentam referentes à falta de amparo governamental em vários sentidos, mas principalmente o financeiro.

Todas afirmaram que a limitação de recursos é um desafio e que o acesso ao crédito é muito difícil para pequenas empresas. As empreendedoras E01, E04, E07 e E08 afirmam que faltam taxas acessíveis, com um prazo de carência, tanto para investimento, quanto para capital de giro. Outro problema apontado pelas empreendedoras E02 e E03 são as garantias solicitadas, difíceis de serem atendidas por empresas pequenas. Para as entrevistadas E01, E04 e E08, uma solução pode ser o fortalecimento das redes de apoio ao empreendedorismo e a criação de projetos de mentoria, pelo Governo.

4.4 Discussão dos resultados

Com a pesquisa bibliográfica demonstrada no capítulo 2, complementada pela pesquisa de campo realizada, onde o método utilizado está especificado no capítulo 3, atingiu-se o objetivo específico 1 desta dissertação. Esta seção, por sua vez, apresenta os resultados obtidos na pesquisa de campo, após uma síntese com o perfil das entrevistadas, analisando as experiências adquiridas por essas empreendedoras, de forma a atender o objetivo específico 3 da presente dissertação.

Essas mulheres viveram experiências profissionais muitas vezes determinadas por sua condição de subordinação à condição de vida que traziam, ou até por

imposição familiar. Em um determinado momento, como pode-se perceber nas histórias relatadas, a maternidade chegou e elas perceberam a necessidade de se reinventarem para que pudessem conciliar o mundo materno e o profissional.

Muitas vezes, a falta de reconhecimento da própria família e da sociedade faz com que a mulher busque alternativas que lhe tragam mais satisfação e menos culpa (COSTA, 2018). Fato esse que pode ser verificado nesta dissertação, de forma empírica, com os relatos das empreendedoras E03 e E08 que afirmam que suas mães não acreditavam em sua capacidade de ter um negócio próprio. A empreendedora E03 afirma que “a mãe ligava para a empregada, para perguntar se estavam passando fome”.

Brush (2009) afirma que as mulheres ainda são vistas como “emotivas” e que isso as leva à crença de menor comprometimento no trabalho, ainda mais se existirem filhos envolvidos no processo. Segundo a autora (BRUSH, 2009), esse papel pode ter um peso muito grande e levar a mulher a um esforço muito maior para se mostrar competente. Isso se confirma na pesquisa empírica, por meio dos relatos das entrevistadas, em que é possível verificar que a carga horária à qual pelo menos 50% das entrevistadas se submetem é de 12 horas no mínimo, durante os dias da semana. Sendo que algumas trabalham também nos finais de semana.

Quental e Wetzel (2002), por meio de seus estudos, concluíram que ao optarem pela atividade empreendedora, existe a busca para conciliar as demandas familiares e de trabalho. A análise das entrevistas revela algumas condições que são vistas como oportunidades no processo empreendedor para as mulheres que se tornam mães e viabilizam a conciliação de tarefas. Essas condições estão indicadas abaixo, de acordo com os relatos das entrevistadas correspondentes:

- independência financeira – empreendedoras E01, E04, E05, E06, E07 e E08;
- flexibilidade de horários – empreendedoras E01, E02, E03, E04, E05, E06 e E08;
- trabalhar no que gosta – empreendedoras E05, E06, E07 e E08;
- fugir do ambiente hostil – empreendedoras E02 e E07;
- maior liberdade de escolhas – empreendedoras E02, E03, E05, E06, E07 e E08.

Para que alcancem essas condições, muitas vezes as mulheres enfrentam um período em que dependem do companheiro para suprir suas necessidades pessoais

e isso exige muita determinação e perseverança, pois ao empreenderem, muitas vezes deixam empregos fixos, com salários seguros e cargos confortáveis.

Com a flexibilidade de horários, vem o desafio de administrar o tempo, fazendo a justa divisão entre o tempo profissional, o tempo pessoal e o tempo doméstico. Isso para que não recaia sobre a mulher a culpa pela falta de atenção aos filhos ou pelo pouco tempo dedicado ao empreendimento. As empreendedoras E04, E05, E06 e E07 mencionaram, pelo menos uma vez em seus depoimentos, as palavras “culpa” e “falta”, descrevendo a forma como se sentem com relação à família e aos filhos.

Todas as entrevistadas comentaram a dificuldade em contratação de mão de obra especializada, o que torna a carga de trabalho ainda mais pesada.

Considerando o relato da maioria das empreendedoras e atendendo ao objetivo geral desta dissertação, as principais oportunidades do exercício do empreendedorismo feminino, sob a visão de mulheres que empreenderam após a maternidade, no estado de São Paulo, são: maior flexibilidade de tempo; a possibilidade de trabalhar em casa, perto dos filhos; liberdade na tomada de decisões; melhora na relação com os filhos; crescimento pessoal; maior independência financeira; trabalhar com o que gostam; fugir do ambiente hostil corporativo; maior liberdade de escolhas; redução de despesas.

Segundo a visão dessas mulheres, essas oportunidades vêm acompanhadas de desafios como: deixar a segurança de uma contratação com salário e benefícios; a oposição da família; administração eficaz do tempo; sobrecarga de trabalho, pela falta de mão de obra especializada e pela dificuldade de ter um sócio; alta carga tributária; administrar a culpa por dividir a atenção dos filhos, priorizando o trabalho; separar os ambientes doméstico e profissional; instabilidade financeira.

Com os relatos obtidos das entrevistadas, pode-se perceber que as oportunidades compensam as dificuldades que passam, para superar os desafios que surgem. Ao serem questionadas sobre como avaliam a sua vida depois de terem empreendido, todas afirmaram não ter nenhum arrependimento. E ainda comentaram, veja a seguir:

- empreendedora E01 – “Estou feliz por administrar o tempo a meu favor e ter mais qualidade de vida”;
- empreendedora E02 – “Valorizo o amadurecimento profissional que tive, por tudo que aprendi”;

- empreendedora E03 – “Me tornei mais ousada e corajosa até na vida pessoal”;
- empreendedora E04 – “Hoje me sinto realizada e consegui uma maior qualidade de vida em família”;
- empreendedora E05 – “A independência financeira ajudou até a melhorar minha autoestima”;
- empreendedora E06 – “Trabalhar com o que gosto e da forma como gosto mudou minha vida”;
- empreendedora E07 – “A realização profissional era um sonho e hoje é real”;
- empreendedora E08 – “Hoje tenho um reconhecimento que me faz sentir mais forte”.

Todas as participantes do estudo demonstraram, por meio de suas respostas, o crescimento e a determinação que tiveram durante sua trajetória. E a análise dos resultados obtidos, assim como a forma com que impactaram as experiências das empreendedoras, podem servir para orientar futuramente outras mulheres que seguirão por esse caminho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo identificar e analisar as oportunidades e os desafios do exercício do empreendedorismo feminino, sob a visão de mulheres que empreenderam após a maternidade, no estado de São Paulo. Para atingir esse objetivo, foram feitas pesquisas bibliográficas e de campo, com a realização de entrevistas com oito mulheres que iniciaram seus negócios impulsionadas pela maternidade.

A pesquisa bibliográfica apresentou conceitos como o de empreendedorismo. Foi apresentado o papel da mulher no mercado de trabalho, abordando-se as mudanças do trabalho na sociedade feminina, barreiras e dificuldades e as políticas públicas que auxiliam o trabalho feminino. Houve uma apresentação sobre o empreendedorismo feminino mostrando o perfil da empreendedora. Foi demonstrada a relação entre trabalho e família, chegando ao cenário atual, com uma análise dos ambientes em que a mulher está inserida, citando a relação entre empreendedorismo e maternidade.

Com a pesquisa de campo, através das informações obtidas, foi possível analisar o conteúdo abordado. Entre as questões abordadas pelo estudo, observou-se que a principal busca dessas mulheres é pela oportunidade de conciliarem a vida profissional com a condição materna, sem prejuízo de seu crescimento pessoal. Elas vislumbram no processo empreendedor a oportunidade de conseguirem horários mais flexíveis, que lhes permitam conciliar a carga de trabalho com a demanda dos filhos. Nesse processo, observou-se que 50% das mulheres do estudo acumulam no mínimo 12 horas de trabalho diárias, o que é agravado pela dificuldade de conseguirem um sócio ou mão de obra especializada.

Outros pontos foram enfatizados como oportunidades vislumbradas pelas empreendedoras. Observou-se que 50% delas buscam independência financeira, além de trabalharem em algo que realmente gostam. Outros 25% procuram fugir do ambiente hostil das corporações e 75% buscam maior liberdade de escolha, sem depender de autorização de um superior.

Houve um percentual alto de relatos de oposição familiar em que 80% das entrevistadas sofreram algum tipo de pressão, justificada pela instabilidade financeira

do negócio. Isso agravou o estresse provocado pelo desafio da troca de carreira, muitas vezes com um emprego seguro, com salário fixo, por algo ainda incerto.

Outro desafio percebido foi o de conciliar trabalho e família, administrando o tempo de maneira eficaz. Muitas empreendedoras se culpam por se dedicarem muito ao trabalho em detrimento à família ou vice-versa. A gestão de tempo, entre os múltiplos papéis, como esposa, mãe, empreendedora, ainda é muito penosa.

Outro desafio presente no discurso foi o de empreender em casa e fazer com que os familiares entendam que o fato de estar em casa não significa que a empreendedora esteja disponível o tempo todo.

Também foram citadas por todas as entrevistadas as dificuldades de se empreender em um país com alta carga tributária, que torna os produtos, serviços e salários altos. E foi unanimidade a afirmação de que se fossem iniciar agora seus empreendimentos, o fariam com menor pressa, com maior planejamento, estudando melhor a legislação envolvida e com uma reserva financeira para evitar desgastes.

Pode-se concluir que, apesar dos desafios apontados, as empreendedoras entrevistadas acreditam em seus projetos e se sentem realizadas, pois ao serem questionadas sobre quais os ganhos que obtiveram após empreender, as palavras “realização”, “coragem” e “felicidade” estiveram em todos os relatos. Quando questionadas sobre sua satisfação com o negócio, todas afirmaram que buscam o crescimento, maior aperfeiçoamento, mas que estão satisfeitas. E, indo além, todas afirmam que não se arrependem por terem empreendido.

Este trabalho contribui para a evolução teórica do conhecimento dos fatores motivacionais para mães que procuram no empreendedorismo uma prática profissional compatível com suas aspirações. Também pode contribuir para programas de apoio às atividades empreendedoras entre mulheres.

Como limitação percebida, existe o fato das entrevistadas terem sido selecionadas ou por conveniência ou por indicação, o que pode ter trazido um viés, como por exemplo, de todas as respondentes fazerem parte de um contexto bastante similar.

Uma outra limitação é o fato de terem sido entrevistadas somente empreendedoras do estado de São Paulo portanto, não se pode afirmar que em outros estados a realidade seja a mesma. Inclusive, isso despertou na pesquisadora um questionamento sobre possíveis diferenças que possam ser encontradas nos

resultados da pesquisa, se forem entrevistadas empreendedoras de outros estados, com contextos diferentes dos encontrados no estado de São Paulo.

Em razão disso, seria interessante realizar novos estudos, com um maior número de empreendedoras, em outras cidades, para resultados mais abrangentes e que ilustrassem a realidade de outros perfis regionais.

REFERÊNCIAS

- ALPERSTEDT, G. D.; FERREIRA, J. B; SERAFIM, M. C. Empreendedorismo feminino: dificuldades vivenciadas em histórias de vida. In: ENCONTRO DE ESTUDOS EM EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS (EGEPE), 7., 2014, Goiânia. **Anais** [...]. Goiânia: EGEPE, 2014. Disponível em: <<http://www.egepe.org.br/anais/tema07/266.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2021.
- ASH, A.S; CARR, P. L; FRIEDMANN, R.H; SZALACHA, L; BARNETT, R. C; PALEPU, A; MOSKOWITZ, M.M. Artigo. **Percepções do corpo docente sobre discriminação de gênero e assédio sexual na medicina acadêmica**. *Annals of International Medicine*. DOI: 10.7326/0003-4819-132-11.06.jun.2000. p. 1-8. Acesso em: 04/março/2021.
- AZEVEDO, P.; COSTA, D. M; SOUZA, R. (Orgs.). **Políticas públicas, empreendedorismo e mulheres**: olhares que se encontram. Rio de Janeiro: IBAM, 2012.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, PT: Edições 70, Livraria Martins Fontes, 2001.
- BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S. **Projeto de pesquisa**: propostas metodológicas. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BRUNI, A.; GHERARDI, S.; POGGIO, B. Entrepreneur-Mentality, Gender and the Study of Women Entrepreneurs. **Journal of Organizational Change Management**, v. 17, n. 3, p. 256-268, 2004. DOI: 10.1108/09534810410538315. Disponível em: <<https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/09534810410538315/full/html>>. Acesso em: 12 set. 2021.
- BRUSH, C. G.; BRUIN, A.; WELTER, F. A Gender-aware Framework for Women's Entrepreneurship. **International Journal of Gender and Entrepreneurship**, v. 1, n. 1, p. 9-24, 2009. DOI: 10.1108/17566260910942318. 2009. Disponível em: <<https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/17566260910942318/full/html>>. Acesso em: 15 out. 2021.
- BUTTNER, E.H.; ROSEN, B. Bank loan officers' perceptions of the characteristics of men, women, and successful entrepreneurs. **Journal of Business Venturing**, Amsterdam, v. 3, n. 3, p. 249-258. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/E-Holly-Buttner/publication/4968156_Bank_loan_officers'_perceptions_of_the_characteristics_of_men_women_and_successful_entrepreneurs/links/5a0a2303a6fdcc2736dea4b0/>

Bank-loan-officers-perceptions-of-the-characteristics-of-men-women-and-successful-entrepreneurs.pdf>. Acesso em: 7 out. 2021.

CAMPOS, F. A. **Trabalho e consciência de classe: a história de Dona Antonia e Dona Maria na luta pela terra.** 2004. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

CARDOZA, G. et al. Promoting Female Entrepreneurship: The impact of Gender Beliefs and Perceptions. **SAGE Open**, abr. 2021. DOI: 10.1177/21582440211018468.

CLT – **Consolidação das Leis do Trabalho e Normas Correlatas** – Brasília. Senado Federal. Coordenação de Edições Técnicas. 2017. 189p. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/535468/ct_e_normas_correlatas_1ed.pdf> Acesso em: 13.jan.2022

COSTA, F. Mulher, trabalho e família: os impactos do trabalho na subjetividade da mulher e em suas relações familiares. **Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 3, n. 6, p. 10-11. dez. 2018.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa – Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto.** 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DOING BUSINESS 2018 - **Reforming to Create Jobs - Comparing Business Regulation for Domestic Firms in 190 Economies.** World Bank Group. 15ª Ed. 2018. Washington. USA. Disponível em: <https://gestao.enat.receita.economia.gov.br/pt-br/area_nacional/areas_interesse/doing-business/relatorios-doing-business/relatorio-doing-business-2018> Acessado em: 12.fev.2022

DOLABELLA, F. **Oficina do empreendedor.** 2. ed. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship).** São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor.** 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1987.

DUTRA, I.S. **O perfil empreendedor e a mortalidade de micro e pequenas empresas londrinenses.** 2002. 125 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2002.

FERREIRA, J. M; GIMENEZ, F. A. P; RAMOS, S.C. Artigo. **Empreendedorismo Feminino no Brasil: Gênese e Formação de um Campo de Pesquisa.** REGEPE – Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas. 2016. E-ISSN: 2316-2058. DOI: 10.14211/regepe.v6i1.450. v. 6, n. 1, p. 40-74. Jan/2017.

FORUM ECONÔMICO MUNDIAL. **A lacuna global de gênero**. Relatório. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0192513X04267098>>. Acesso em: 14 set. 2021.

FREITAS, S. M. **O café e a imigração**. 2. ed. Fortaleza: Saraiva, 2010.

FRIEDAN, B. **A mística feminina**. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, A. et al. Empreendedorismo feminino como sujeito de pesquisa. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, São Paulo, v. 16, n. 51, p. 319-342, abr./jun. 2014. DOI: 10.7819/rbgn.v16i51.1508.

GOMES, A. F. O perfil empreendedor de mulheres que conduzem seu próprio negócio: um estudo na cidade de Vitória da Conquista. **Revista Alcance**, Itajaí, v. 11, n. 2, p. 207-226, ago. 2004.

GOMES, D. T.; GUERRA, P. V.; VIEIRA, B. N. **O desafio do empreendedorismo feminino**. In: Anais do encontro da ANPAD. 35. Rio de Janeiro. 2011.

GONÇALVES, E. Remar o próprio barco: a centralidade do trabalho no mundo das mulheres sós. **Cadernos Pagú** [online], n. 34, p. 235-268, jan./jun. 2010.

GRECO, S. M. S. S. (Coord.). **Global Entrepreneurship Monitor empreendedorismo no Brasil 2019**. Curitiba: IBQP, 2019.

GRUBITS, S.; NORIEGA, J. A. V. **Método qualitativo**: epistemologia, complementaridades e campos de aplicação. São Paulo: Vetor, 2004.

GUILLAUME, C; POCHIC, S. What Would You Sacrifice? Access to Top Management and the Work-life Balance. **Gender, Work and Organization**, v. 16, n. 1, p. 14-36, jan. 2009.

HARRIS, C; HO, M; LEWIS, K; MORRISON, R. Artigo. **Mumpreneurs: Mothers in the Business of Babies**. 2008, Auckland, New Zealand. ANZAM. p. 1-17.

HERING. **Fundação Cia. Hering**. Site. Disponível em: <<https://ciahering.com.br/institucional>>. Acesso em: 14 nov. 2021.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. R. **Empreendedorismo**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

HOBBSAWM, E. J. **Da revolução industrial inglesa ao imperialismo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Estatísticas de gênero**.

Disponível em:

<<https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0,43,432220,432360,432345,431550,430690,430930&cat=128,-15,-16,55,-17,-18&ind=4704>>. Acesso em: 3 out. 2021.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Indicadores sociais das mulheres no Brasil**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?edicao=30167&t=o-que-e>>. Acesso em: 13 out. 2021.

IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). **Média de anos de estudo da população ocupada por sexo**. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_educacao.html>. Acesso em: 12 out. 2021.

IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). **Participação feminina no mercado de trabalho**. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/2819>>. Acesso em: 22 set. 2021.

JONATHAN, E. G. Mulheres empreendedoras: medos, conquistas e qualidade de vida. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 373-382, set./dez. 2005. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pe/v10n3/v10n3a04.pdf>. Acesso em: 17 set. 2021.

KARAWAJCZYKA, M. Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: o feminismo pátrio de Leolinda Figueiredo Daltro. **Estudos Ibero-americanos**, Rio Grande do Sul, v. 40, n. 1, p. 64-84, jun. 2014. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/3609>>. Acesso em: 21 ago. 2021.

KRAKAUER, P.V.C. et al. Brazilian women's entrepreneurial profile and intention. **International Journal of Gender and Entrepreneurship**, v. 10, n. 4, p. 361-380, 2018. DOI: <http://doi.org/10.1108/IJGE-04-2018-0032>.

KRAKAUER P. V. C.; MENESES, P. M. A persistência no perfil comportamental das empreendedoras brasileiras. **Revista de Empreendedorismo e Inovação Sustentáveis**, v. 4, n. 3, p. 93-105, set./dez. 2019. ISSN: 2526-0502.

LESKINEN, M. Educación: una clave hacia la igualdad. **Observatório Social**, Curitiba, v. 2, n. 5, p. 2-5. 2004.

LINDO, M. R. et al. **Vida pessoal e vida profissional: os desafios de equilíbrio para mulheres empreendedoras do Rio de Janeiro**. **RAC-Eletrônica**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2007.

LOPES, T. Direito trabalhista da mulher. **Cadernos Pagu**. n. 5, p. 405-430, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/Yyqvmv4gkq449zL5p3CtH8J/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 20 fev. 2020.

MARLOW, S. Women and self-employment: A part of or apart from theoretical construct? **The International Journal of Entrepreneurship and Innovation**, v. 3, n. 2, p. 83-91, maio 2002. <https://doi.org/10.5367/000000002101299088>.

MATHEW, R. V.; PANCHANATHAM, N. An Exploratory Study on the Work-Life Balance of Women Entrepreneurs in South India. **Asian Academy of Management Journal**, v. 16, n. 2, p. 77-105, 2011.

MEIRELLES, F. S. **Uso da TI – Tecnologia de Informação nas empresas**. Pesquisa Anual do FGVcia. 32. ed. São Paulo: FGV-EAESP, 2021. Disponível em: <<https://static.poder360.com.br/2021/05/pesquisa-FGV-dispositivos-digitais.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

NAPOLITANO, M. **História do Brasil República** – da queda da Monarquia ao fim do Estado Novo. São Paulo: Contexto. 2016.

NOOR, N. M. Work-family conflict, locus of control, and women's well-being: tests of alternative pathways. **The Journal of Social Psychology**, v. 142, n. 5, p. 645-662, 2002.

OLIVEIRA, R. A.; KRAKAUER, P.V.C.; CODA, R. Estudo exploratório sobre benefícios e dificuldades de ser um microempreendedor individual. **South American Development Society Journal**, v. 3, n. 9, p. 155-173, nov. 2017. DOI: 10.24325/issn.2446-5763.

OLIVEIRA, Z. L.C. **A provisão da família**: redefinição ou manutenção de papéis? Rio de Janeiro: Faperj, 2008.

OST, S. Mulher e mercado de trabalho. **Âmbito Jurídico** [online], 1 maio 2009. Disponível em: <<https://ambitojuridico.com.br/edicoes/revista64/mulher-e-mercado-de-trabalho/>>. Acesso em: 15 ago. 2021.

PAPAIZ. **Assa Abloy**. Site. Disponível em: <<https://www.papaiz.com.br>>. Acesso em: 14 nov. 2021.

PE – **Portal do Empreendedor**. Brasília. 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/empreendedor>> Acesso em: 02 set 2021.

PEDEZZI, B.; RODRIGUES, L. Desafios do empreendedorismo feminino: um levantamento com mulheres empreendedoras. **Revista Interface Tecnológica**, v. 17, n. 2, p. 398-410, 2020. DOI: 10.31510/infa.

PRADO, J. Confira os quatro maiores erros da mãe empreendedora. **RME.NET.BR** v. 2, n. 18, 2019. Disponível em: <<https://rme.net.br/confira-os-4-maiores-erros-da-mae-empreendedora/>> Acesso em: 05.abr 2021.

PRONI, T. T.; PRONI, M. W. Discriminação de gênero em grandes empresas no Brasil. **Revista Estudos Femininos**, Florianópolis, v. 26, n. 1, 2018.

QUENTAL, C., WETZEL, U. Equilíbrio trabalho-vida e empreendedorismo: a experiência das mulheres brasileiras. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 26., 2002, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: ANPAD, 2002.

QUETEL, C. **As mulheres na guerra 1939-1945**. Belo Horizonte: Larousse, 2009.

RIBAS, M. F. Mecanismos institucionais para o avanço da mulher. In: FONTOURA, N.; REZENDE, M.; QUERINO, A. C. (Orgs.). **Beijing +20: avanços e desafios no Brasil contemporâneo**. Brasília: IPEA, 2020. p. 369-405. DOI: <<https://dx.doi.org/10.38116/lv978-65-5635-010-3/cap8>>. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10320/1/MecanismosInstitucionaisparaAvan%c3%a7odaMulher_Cap_8.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2022.

RIBEIRO, P. S. O papel da mulher na sociedade. **Brasil Escola**, 2012. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/o-papel-mulher-na-Sociedade.htm>>. Acesso em: 23 out. 2021.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RME (Rede Mulher Empreendedora). **Confira os quatro maiores erros das mães empreendedoras**. 2020. Disponível em: <<https://rme.net.br/2019/02/18/confira-os-4-maiores-erros-da-mae-empreendedora/>>. Acesso em: 18 set. 2021.

RME (Rede Mulher Empreendedora). **Empreendedoras e seus negócios**. 2021. Disponível em: <<https://materiais.rme.net.br/empreendedoras-negocios>>. Acesso em: 3 out. 2021.

RME (Rede Mulher Empreendedora). **Empreendedorismo materno: afinal de contas, de que se trata?** 2019. Disponível em: <<https://rme.net.br/2019/05/06/empreendedorismo-materno-afinal-de-contas-de-que-se-trata/>>. Acesso em: 19 out. 2021.

RME (Rede Mulher Empreendedora). **Empreendedorismo no Brasil: um recorte de Gênero nos negócios**. 2021. Disponível em: <<https://materiais.rme.net.br/empreendedorismo-no-brasil-um-recorte-de-genero>>. Acesso em: 14 set 2021.

RME (Rede Mulher Empreendedora). **Mapa do ecossistema de apoio à mãe empreendedora**. 2021. Disponível em: <<https://documentcloud.adobe.com/link/track?uri=urn:aaid:scds:US:2cc8d210-35ad-494d-9f0b-ba9ca05bc183#pageNum=1>>. Acesso em 09 set. 2021.

RME (Rede Mulher Empreendedora). **Perfil das empreendedoras**. 2016. Disponível em: <<https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms%2Ffiles%2F24675%2F1481030106ebook+%281%29.pdf/>>. Acesso em: 6 out. 2021.

RME (Rede Mulher Empreendedora). **Quando nasce uma mãe, nasce uma empreendedora**. 2021. Disponível em: <<https://rme.net.br/2019/05/08/quando-nasce-uma-mae-nasce-uma-empreendedora/>>. Acesso em 13 set. 2021.

SACOMANO, J. B. et al. **Indústria 4.0 – conceitos e fundamentos**. 2. ed. São Paulo: Edgar Blanches, 2018.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

SCHWAB, K. M. **A quarta revolução industrial**. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2016.

SEBRAE-SP (Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas). **Painel do empreendedorismo feminino**. Disponível em: <<https://datasebrae.com.br/painel-empreendedorismo-feminino/>>. Acesso em: 10 out. 2021.

SEBRAE-SP (Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas). **Projetos que apoiam e incentivam as mães empreendedoras**. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/projetos-apoiam-e-incentivam-as-maes-empreendedoras,4bac92a3054f1710VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em: 11 set. 2021.

SILVA, A. P. et al. Conte-me sua história: reflexões sobre o método de história de vida. **Mosaico: estudos em psicologia**, v. 1, n. 1, p. 25-35, 2007.

SILVA, J. V. A. A relação trabalho e família de mulheres empreendedoras. **Revista Perspectiva Contemporânea**, Campo Mourão, v. 1, n. 1, p. 1-18, jan./jul. 2006.

STOLCKE, V. **Cafeicultura**: homens, mulheres e capital. São Paulo: Brasiliense, 1986.

STONER, C. R.; HARTMAN, R. I.; ARORA, R. **Work-home role conflict in female owners of small businesses: An exploratory study**. *Journal of Small Business Management*, v. 28, n.1, p. 30-38, jan. 1990.

STROBINO, M. R. C., TEIXEIRA, R. M. Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicascos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 59-76, jan./fev./mar. 2014.

SULLEROT, E. **A mulher no trabalho** – história e sociologia. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1970.

VERGARA, S. M. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2013.

VERGARA, S. M. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2009.

WEINSTEIN, B. As mulheres trabalhadoras em São Paulo: de operárias não-qualificadas a esposas profissionais. **Cadernos Pagu** [online], n. 4, p. 143-171, 1995.

APÊNDICE A

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM AS EMPREENDEDORAS

CATEGORIA	EMPREENDEDORA 1 UNIDADE DE CONTEXTO
Parte 1: Perfil da Respondente	
1.1 Código que será identificada na pesquisa:	“E01”
1.2 Idade	“Hoje estou com 42 anos”
1.3 Estado Civil	“Em união estável”
1.4 Nome do empreendimento	“A.C Pereira Soluções Tecnológicas em Informática”
1.5 Ramo de atividade	“Suporte Técnico, Instalação, Configuração e Manutenção de Programação de Programas e Banco de Dados
1.6 Data de abertura da empresa	“03/junho/2018 (3anos e 9 meses)”
1.7 Tem funcionários? Oque pode dizer a respeito da contratação de funcionários?	“Não. A carga tributária é muito grande e dobra o valor dos salários. Os direitos trabalhistas também acarretam um peso grande”
1.8 Nível de escolaridade	“Superior incompleto. Comecei a fazer a graduação em TI mas parei e isso faz muita falta. É um desafio me manter atualizada em uma área que muda constantemente. Um fator positivo, é que o pessoal desse setor é muito solícito, ajuda quando preciso, com informações, ensinando. Além disso, hoje em dia existe muita fonte de informação na internet, com treinamentos, vídeos informativos etc.”.
1.9 Qual a importância da renda do seu empreendimento no sustento da sua família? O sustento da sua família, depende exclusivamente do seu trabalho?	“A minha renda significa cerca de 35% do total da família. Tenho uma filha do primeiro casamento, que tem 19 anos, faz faculdade e mora atualmente comigo, meu marido e nossa filha

	Giovanna. Essa renda que o meu empreendimento proporciona, permite que eu tenha tranquilidade com as despesas dessa filha mais velha e algumas outras despesas da casa, me dando independência financeira”.
--	---

Parte 2: Sobre a decisão de empreender
--

2.1 Sobre sua história antes do empreendimento	“Trabalhava nos setores financeiro e de RH de empresas, contratada em regime CLT. Comecei a trabalhar com 18 anos e desde cedo, tinha vontade de ter um negócio próprio”.
2.2 O que a fez tomar a decisão de empreender	“Já estava parada há dois anos, minha filha já estava apta a ir para uma escolinha e sentia falta de ter uma renda própria. Meu marido era do setor e havia uma carência nesse tipo de serviço. Aproveitei a chance para conciliar a vida materna e profissional com opção de horários. Também sentia falta de ter contato com mais gente. ”.
2.3 Como começou a empreender? Qual foi seu planejamento inicial?	“Não foi feito um planejamento. Como meu marido era da área, conheci os contatos através dele e iniciei automaticamente”.
2.4 Você utiliza de todas as facilidades que a Internet em seu negócio? De que forma? Para você, foi um desafio ou uma oportunidade?	“Sim, pra mim é a principal ferramenta de trabalho e uma oportunidade para aumentar a minha rede de relacionamento”.
2.5 Como lida com as responsabilidades do empreendimento? Divide com alguém os desafios de empreender, tem sócios?	“Não tenho sócios. Gostaria de ter para poder dividir responsabilidades, tirar férias por exemplo. Mas não encontrei até hoje ninguém em quem pudesse confiar inteiramente”.
2.6 Recebe auxílio nas tarefas domésticas? Como é formada a sua rede de apoio?	“Tenho uma diarista que trabalha em minha casa uma vez por semana. Minha filha mais velha e o meu marido colaboram nas tarefas domésticas, mas sinto que a “responsabilidade maior”

	pelo bom funcionamento da casa é minha”.
2.7. O que julga melhor, empreender em casa ou fora de casa? Por quê?	“Em casa. Apesar da liberdade de horários e de minimizar a culpa por ficar longe de casa e dos filhos, me sinto muito sozinha por não me relacionar com outras pessoas. Também sinto que se misturam os ambientes domésticos e de trabalho, não consigo relaxar, por me sentir sempre “dentro da empresa” e não perceber essa separação”.
2.8 Seus filhos ficam em creche, escola ou em casa? Como é a disponibilidade do horário como mãe no seu dia a dia?	“A filha ficava meio período em casa, mas mesmo com a babá, exigia muita atenção, interrompendo reuniões por exemplo. Isso acabava fazendo com que eu me irritasse e brigasse com a criança. Há um ano, coloquei a minha filha em período integral na escola e com isso consegui uma melhora na qualidade do relacionamento, pois agora tenho mais paciência, converso mais”.
2.9 Quem são as pessoas ou órgãos públicos que te apoiam e de que forma?	“Marido”
2.10 Alguém da família se opôs à abertura do seu negócio? Se sim, quem foi e como lidou com isso?	“Não. Quando minha filha nasceu, parei de trabalhar por um tempo até que ela completasse 2 anos de idade. Então, não saí de um padrão CLT para empreender, a transição foi tranquila”.

Parte 3: Sobre a história como empreendedora após a maternidade

3.1 Como avalia o seu dia a dia? Está mais fácil ou mais difícil depois de empreender?	“Apesar de ter que conciliar a vida profissional com a doméstica, com filhos, etc., está mais fácil pela administração que posso fazer do meu próprio tempo. Prefiro a forma como trabalho hoje”.
3.2 Sentiu ou sente algum tipo de dificuldade por conta da idade, sexo? Algum preconceito? Se sim, como lidou com isso?	“Às vezes sinto preconceito por parte de fornecedores, clientes, quando sabem que não fiz faculdade, acham que não sei o suficiente sobre meu trabalho”.

3.3 Que tipo de pressão sofreu ou sofre por parte da família?	“Não sofro. Essa é uma cobrança que eu me faço, talvez pela forma como fui criada, para ser mãe e dona de casa”.
3.4 Para você, qual é a definição de ser empreendedora?	“Para mim é ter liberdade financeira, me sentir independente. Hoje posso por exemplo fazer uma surpresa para meu marido, sem depender dele”.
3.5 Qual é o lado negativo de ser empreendedora?	“Acredito que a principal seja a insegurança financeira, por vivermos em um país constantemente em dificuldades políticas e econômicas. E também a carga tributária que dificulta manter a empresa aberta ou contratar um funcionário”.
3.6 Quais foram os desafios enfrentados e como lidou com eles?	“Quando minha filha ficou seriamente doente, me senti culpada, achando que poderia ter negligenciado a atenção com ela. Também foi difícil aprender sobre Legislação. E me manter atualizada, pois meu setor muda muito rapidamente”. Precisei superar a culpa e para isso tive apoio do meu marido. E tenho feito o maior número de cursos possíveis, mas planejo voltar à faculdade”.
3.7 O que dificultou sua trajetória até aqui?	“Posso afirmar com certeza que foi a falta de planejamento financeiro, além da culpa por não dar atenção suficiente à minha família. Além disso, falta de conhecimento de administração, contabilidade para acompanhar os números de minha empresa, o que me fez cometer vários erros no início”.
3.8 O que ajuda a manter sua empresa aberta?	“A nova forma de enquadramento de empresas em MEI ajudou a desburocratizar e a minimizar a carga tributária. Também existem muitos cursos oferecidos na internet que auxiliam no dia a dia. E hoje, com a experiência, faço um planejamento a curto e médio prazo, com números e dados que me ajudam a ter um controle maior”.
3.9 O que dificulta a manter sua empresa aberta?	“A falta de apoio financeiro dos bancos, por exemplo, que dificultam as linhas de

	crédito. A carga tributária. A burocracia para qualquer alteração contratual na empresa. Por exemplo, para passar de Ltda para MEI, o processo já correu mais de três meses e ainda não foi finalizado, fora a quantidade de taxas a serem pagas”.
3.10 O que acredita que faz com que seu negócio prospere?	“Principalmente a qualidade do atendimento”.
3.11 O que acredita que foram fatores determinantes para o seu sucesso?	“Persistência, apoio familiar, não ser a minha a principal renda da família e a Internet. Além disso, tive muito apoio de parceiros do setor, me ensinando o que não sabia por exemplo”.
3.12 Que vantagens ou ganhos obteve após empreender?	“Realização pessoal, melhora na qualidade de vida, já que minha relação com minhas filhas melhorou e sensação de maior liberdade de escolhas”.
3.13 Como se vê como empresária?	“Batalhadora, mas realizada”.
3.14 Após analisar sua trajetória até aqui, como resumiria suas dificuldades?	“existem coisas mais difíceis na vida (risos). Mas digo isso porque tive apoio familiar. Posso afirmar que valeu a pena”.
3.15 O que pode afirmar sobre sua satisfação com o seu negócio?	“estou satisfeita”.
3.16 Você se arrependeu de ter empreendido? O que faria diferente?	“Não me arrependi. Mas se fosse iniciar agora, faria mais cursos, me prepararia melhor”.
3.17 O que classifica como sendo o maior desafio de uma mulher-mãe empreendedora?	“Aprender sobre coisas de administração, contabilidade, direito etc. Também saber administrar o tempo”.
3.18 O que classifica como tendo sido as maiores oportunidades que teve como empreendedora?	“Aprender sobre vários assuntos que eu não dominava, me tornar independente”.
3.19 O que aponta como pontos favoráveis e desfavoráveis de ser empreendedora?	“Como pontos favoráveis, ter maior autonomia, realização pessoal, liberdade de escolhas. Como pontos desfavoráveis, não ter segurança financeira, instabilidade do país, burocracia”.
3.20 Que dicas daria para empreendedoras que estão iniciando?	“Se planejarem bem e fazerem uma reserva financeira, além de se atualizar sempre. Sempre cumprir aquilo que

	prometem para terem credibilidade no mercado. Também manterem o comprometimento e foco no negócio. E sempre defenderem seu ponto de vista, se não entendem algo, dar seu ponto de vista”.
3.21 Como enxerga o futuro? O que espera?	“Quer aumentar a sua rede de atuação, conseguindo um número maior de clientes. Para isso precisa fazer mais contratações, então espera algum incentivo do Governo com diminuição de carga tributária”.
3.21 O que a incentiva a continuar?	“Ter chegado até aqui com essa sensação de realização”.
3.22 O que poderia ser diferente que a ajudaria a melhorar?	“Menor carga tributária, maior rede de apoio financeiro e também gostaria de voltar a estudar para me atualizar”.
3.23 A Pandemia que ocorreu pelo Covid 19 teve alguma influência no seu negócio?	“Posso dizer que foi um “mal que veio para o bem”, pois muitas empresas passaram a atuar em home office e houve um aumento na demanda pelo tipo de serviço que presto”.

CATEGORIA	EMPREENDEDORA 2 UNIDADE DE CONTEXTO
Parte 1: Perfil da Respondente	

1.1 Código que será identificada na pesquisa:	“E02”
1.2 Idade	“Estou com 44 anos atualmente”
1.3 Estado Civil	“Divorciada”
1.4 Nome do empreendimento	“Cheiro da Oca”
1.5 Ramo de atividade	“Produtos naturais para Pets”
1.6 Data de abertura da empresa	“10/11/2017 – hoje a empresa tem 4 anos e 4 meses”
1.7 Tem funcionários? O que pode dizer a respeito da contratação de funcionários?	“Não tenho funcionários, porque tenho dificuldade na contratação de Mão de Obra especializada, só aparecem candidatos sem especialização. Também tenho dificuldades em delegar as tarefas. Isso é ruim porque

	me sobrecarrega e não tenho com quem dividir as atividades. Também não gosto de ficar dependendo de terceiros para executar um trabalho. Por exemplo, eu tinha um Pet Móvel para banho e tosa e muitas vezes, com serviço agendado, o funcionário faltava”
1.8 Nível de escolaridade	“Fiz faculdade de Veterinária, Fisioterapia e hoje faço Mestrado em Engenharia de Biomedicina”
1.9 Qual a importância da renda do seu empreendimento no sustento da sua família? O sustento da sua família, depende exclusivamente do seu trabalho?	“Como hoje sou divorciada e minhas filhas moram com meu ex-marido, meu faturamento é todo para meu uso”.

Parte 2: Sobre a decisão de empreender

2.1 Fale sobre sua história antes do empreendimento	“Trabalhei enquanto estava na graduação, como funcionária da Universidade. Foi meu primeiro emprego, com 18 anos. Nunca havia pensado em ter um negócio próprio, não planejei nada”
2.2 O que a fez tomar a decisão de empreender	“Eu me sentia muito “presa” no trabalho CLT, sem autonomia para tomar decisões, sem liberdade de horários. O principal fator que me levou a empreender foi o desejo de ter liberdade de escolha, em todos os processos da minha vida”
2.3 Como começou a empreender? Qual foi seu planejamento inicial?	“Não planejou. A vida foi me levando, me conduzindo e de repente me vi empreendendo”
2.4 Você utiliza de todas as facilidades que a Internet em seu negócio? De que forma? Para você, foi um desafio ou uma oportunidade?	“Comprei o Canva e faço publicidade para o mês todo. Utilizo demais a internet, para fazer propaganda, para pesquisas sobre o meu setor, para obter mais conhecimento, para divulgação. Foi um desafio, pois tive que aprender a lidar com aplicativos e programas.”
2.5 Como lida com as responsabilidades do empreendimento? Divide com alguém os desafios de empreender, tem sócios?	“Tenho uma sócia/parceira e isso me ajuda quando preciso me afastar para algum curso ou mesmo para tirar férias. E também para dividir as responsabilidades na tomada de decisões. Eu tenho dificuldades com as finanças e ela é ótima com isso. Já no relacionamento com clientes eu sou boa, então dividimos essas tarefas e nos completamos_”
2.6 Recebe auxílio nas tarefas domésticas? Como é formada a sua rede de apoio?	“Tenho uma diarista contratada que vem 1 vez por semana há mais de 15 anos. Quando casada, meu marido dividia as tarefas comigo”

2.7. Para você, o que significa empreender em casa ou fora de casa?	“Trabalho em casa e fora. Tenho o escritório em casa, mas dou atendimento aos clientes/animais fora. A parte boa de estar em casa é que não perco tempo com o deslocamento, me poupo do stress do trânsito, do cansaço, dos gastos com combustível. Mas trabalhar em casa é difícil por misturar os ambientes familiar e profissional. Acabo fazendo atividades domésticas durante o horário comercial e ao mesmo tempo, nunca sinto que “saí do trabalho”, que encerrei o expediente”
2.8 Seus filhos ficam em creche, escola ou em casa? Como é a disponibilidade do horário como mãe no seu dia a dia?	“Hoje minha filha menor tem 17 anos e mora com o pai. Quando morava comigo, sempre tinha a cobrança de atenção, a interrupção do meu trabalho. Ela ficava somente meio período na escola e no período em que estava em casa era estressante, pois não entendia que o fato de estar presente fisicamente não queria dizer que eu poderia dar atenção no momento em que ela exigia. Isso gerava discussões desgastantes e sofridas”
2.9 Quem são as pessoas ou órgãos públicos que te apoiam e de que forma?	“Tenho duas amigas com quem sempre conto: Fúlvia que me dá todo tipo de apoio emocional, quando acho que não estou dando atenção à minha filha por exemplo. Ou quando preciso de um socorro. E a Meg, que me orienta com conselhos sobre o trabalho, me ajuda a pensar, a decidir. Também minha sócia Giovanna que sempre está disposta a dividir as preocupações e o trabalho operacional”
2.10 Alguém da família se opôs à abertura do seu negócio? Se sim, quem foi e como lidou com isso?	“Não, ninguém se opôs”

Parte 3: Sobre a história como empreendedora após a maternidade

3.1 Como avalia o seu dia a dia? Está mais fácil ou mais difícil depois de empreender?	“Está mais difícil. Era cômodo ser CLT, pois tinha renda fixa, certa. Hoje, tenho que me reinventar todos os dias, senão a concorrência me “engole”. E também tenho que me atualizar constantemente sobre Legislação, administração, contabilidade, etc., para administrar bem o negócio. E tem que sempre inovar para ter um diferencial”
3.2 Sentiu ou sente algum tipo de dificuldade por conta da idade, sexo? Algum preconceito? Se sim, como lidou com isso?	“Não, nenhum. Atrelei a empresa ao know-how da Veterinária. O meu nome na veterinária abriu um caminho bom no negócio”

3.3 Que tipo de pressão sofreu ou sofre por parte da família?	“Não, mas credito isso ao fato de ser sozinha hoje. Porque quando tinha marido e filha morando comigo, sentia culpa com relação a isso, mesmo quando a cobrança não vinha deles”
3.4 Para você, qual é a definição de ser empreendedora?	“Defino como um desafio diário. No país em que vivemos, existe muita instabilidade financeira pelos problemas econômicos, políticos, de corrupção. Tudo é muito incerto, dependo muito por exemplo da variação cambial que é terrível. Cada dia, acordamos e pensamos: “Como vai ser hoje?”. E isso é desafiador”
3.5 Qual é o lado negativo de ser empreendedora?	“A instabilidade, o fato de não saber como vou fechar o mês. Isso gera medo em investir. E a dificuldade de ter controle para guardar dinheiro nos meses em que o faturamento é bom, para compensar nos meses em que o faturamento é ruim”
3.6 Quais foram os desafios enfrentados e como lidou com eles?	“Um dos principais foi com falta de Mão de obra especializada e competente. Deixei de atender o serviço de banho e tosa em domicílio por exemplo, por falta de mão de obra”
3.7 O que dificultou sua trajetória até aqui?	“Falta de incentivo financeiro bancário, muitos impostos, falta de mão de obra”
3.8 O que ajuda a manter sua empresa aberta?	“A minha vontade de empreender, de ter liberdade, o apoio familiar e de amigos e minha vontade de aprender coisas novas a cada dia”
3.9 O que dificulta a manter sua empresa aberta?	“Minha dificuldade em delegar tarefas, carga tributária, falta de mão de obra, burocracia”
3.10 O que acredita que faz com que seu negócio prospere?	“Escolha de bons parceiros (fornecedores, prestadores de serviço), o bom controle financeiro, inovação”
3.11 O que acredita que foram fatores determinantes para o seu sucesso?	“Principalmente a disciplina. Se não tiver disciplina “o trem descarrilha”. Estudei em Pequim por dois anos e pensava em como os Chineses trabalham 16 horas sem parar, sem perder o foco. E percebi que é por causa da disciplina”
3.12 Que vantagens ou ganhos obteve após empreender?	“Amadurecimento como profissional na minha área (veterinária/pets) pelos relacionamentos e contatos que fiz, além do amadurecimento aprendendo a lidar com as responsabilidades do empreendimento (legislação por exemplo). A gente amadurece quando sabe que aquilo depende de nós”
3.13 Como se vê como empresária?	“Me acho corajosa, pois para ser empresária em um país como o nosso, tão instável economicamente, é necessária muita coragem. Mas eu acredito que deveria ser

	mais organizada e estou trabalhando nisso. Tenho dificuldades por exemplo no controle financeiro”
3.14 Após analisar sua trajetória até aqui, como resumiria suas dificuldades?	“se você quer mesmo, nada te segura. O prazer é maior que as dificuldades”
3.15 O que pode afirmar sobre sua satisfação com o seu negócio?	“Sim, estou satisfeita. mas pretendo melhorar sempre, aprender coisas novas, inovar sempre”
3.16 Você se arrependeu de ter empreendido? O que faria diferente?	“Não me arrependi. O que faria diferente é que teria pesquisado mais sobre os setores onde tenho mais dificuldades, como o financeiro por exemplo. Mas estou correndo atrás (risos)”
3.17 O que classifica como sendo o maior desafio de uma mulher-mãe empreendedora?	“Um desafio é conseguir se posicionar em setores ainda considerados masculinos (setor fiscal, financeiro (quando precisa de um empréstimo). E também a quantidade de impostos e taxas a que somos submetidos. O início é muito difícil pois existe muita burocracia para a abertura da empresa, é difícil também se colocar no mercado entre concorrentes mais antigos”
3.18 O que classifica como tendo sido as maiores oportunidades que teve como empreendedora?	“O crescimento profissional que me deu confiança para avançar em outros setores até pessoais, em que eu era insegura. Hoje consigo fazer valer a minha opinião, com mais firmeza”
3.19 O que aponta como pontos favoráveis e desfavoráveis de ser empreendedora?	“Favoráveis, a liberdade de horários, de tomar decisões, de escolha. Desfavoráveis, a instabilidade financeira, a falta de apoio governamental, carga tributária, dificuldades para conseguir e manter mão de obra especializada”
3.20 Que dicas daria para empreendedoras que estão iniciando?	“Estudem os mercados onde pretendem atuar. E façam cursos relacionados à administração e controle de empresas. Procurem conhecer o perfil de seus clientes para se adequar a eles. E inovem sempre, pois os mercados são muito dinâmicos”
3.21 Como enxerga o futuro? O que espera?	“Pretendo terceirizar o trabalho para conseguir mais tempo livre e também intensificar a divulgação para aumentar o retorno financeiro”
3.21 O que a incentiva a continuar?	“A liberdade de escolha, sempre”
3.22 O que poderia ser diferente que a ajudaria a melhorar?	“Menor carga tributária, mais cursos de especialização de mão de obra”
3.23 A Pandemia que ocorreu pelo Covid 19 teve alguma influência no seu negócio?	“A Cheiro da Oca cresceu na pandemia, quando vimos a necessidade de atender um mercado que crescia (Pet) e estava carente de um atendimento eficaz”

CATEGORIA	EMPREENDEDORA 3 UNIDADE DE CONTEXTO
Parte 1: Perfil da Respondente	

1.1 Código que será identificada na pesquisa:	"E03"
1.2 Idade	"Estou com 44 anos de idade"
1.3 Estado Civil	"Casada com um grande parceiro"
1.4 Nome do empreendimento	"Laboratório de Talentos – Conteúdos Digitais Eireli"
1.5 Ramo de atividade	"Cursos e Treinamentos"
1.6 Data de abertura da empresa	"03/maio/2016 (5 anos e 10 meses)"
1.7 Tem funcionários? O que pode dizer a respeito da contratação de funcionários?	"Não tenho funcionários, mas tenho parceiros. Não são registrados em regime CLT, são Pessoas Jurídicas que prestam serviço. Me dão suporte tecnológico principalmente e trabalham na equipe de coaching. Prefiro assim, pois por serem PJ, não tem toda a carga tributária de um CLT. Além de que não preciso ter funcionários alocados em um espaço"
1.8 Nível de escolaridade	"Fiz faculdade de Administração de Empresas, Pós-graduação em Comércio Exterior. Depois fiz MBA de Coaching Parental nos EUA e no Reino Unido"
1.9 Qual a importância da renda do seu empreendimento no sustento da sua família? O sustento da sua família, depende exclusivamente do seu trabalho?	"Não. Meu marido também trabalha e nossa despesa é dividida, sendo 50% da renda de cada um responsável pelo sustento da família"

Parte 2: Sobre a decisão de empreender	
--	--

2.1 Fale sobre sua história antes do empreendimento	"Comecei a trabalhar com 14 anos de idade. Trabalhava em empresas, em regime CLT. Com o tempo, depois de formada, fui para a área de Comércio exterior, fui executiva da área. Até ter filhos tinha uma carreira sólida, boa remuneração, mas via o quanto as mães tinham dificuldade em conciliar carreira e maternidade. Fui estudar sobre Coaching Parental e hoje tenho uma equipe que dá suporte em cursos e treinamentos sobre maternidade/paternidade com acompanhamento psicológico, ajudando
---	---

	mães e pais a despertarem para os novos tempos”
2.2 O que a fez tomar a decisão de empreender	“Eu tive um aborto e percebi que era muito “máquina”, muito “ligada no automático”. Eu também achava que tudo tinha que acontecer no meu tempo, na hora em que eu programava. Com a gravidez, despertou meu lado maternal e eu gerenciava muitas jovens na empresa. Via a falta de vontade, o desânimo. Comecei a conversar com elas e surgiu a vontade de criar esse negócio e trabalhar ajudando essas pessoas. Vi nisso uma oportunidade para ter mais flexibilidade de horários e conciliar a vida de mãe e profissional.”
2.3 Como começou a empreender? Qual foi seu planejamento inicial?	“Planejei por 2 anos. Fiz uma transição de carreira bem tranquila, começando os atendimentos à noite, me desligando do mundo corporativo CLT aos poucos. Me formei, me especializei e só depois passei somente ao meu negócio”
2.4 Você utiliza de todas as facilidades que a Internet em seu negócio? De que forma? Para você, foi um desafio ou uma oportunidade?	“O modelo de negócios que utilizo é digital e o meu negócio nasceu na era digital. Faço desde contatos, propagandas até vendas pela Internet. Com a internet faço atendimentos on-line e posso atender alunos do mundo todo. Além de que foi a Internet que possibilitou que eu conciliasse a minha atividade CLT com o meu negócio no início. Não perco tempo no trânsito também”
2.5 Como lida com as responsabilidades do empreendimento? Divide com alguém os desafios de empreender, tem sócios?	“Não tenho sócios. Não encontrei ninguém que me inspirasse total confiança”
2.6 Recebe auxílio nas tarefas domésticas? Como é formada a sua rede de apoio?	“Sim. Tinha uma empregada doméstica todos os dias, mas na pandemia ela se aposentou. Meu marido e minha filha ajudam nas tarefas domésticas, mas me sinto responsável pela maior parte das tarefas. Não sei se isso se deve à forma como fui criada. Apesar de ter um parceiro que não pensa dessa forma, eu me cobro muito”
2.7. Para você, o que significa empreender em casa ou fora de casa?	“Tenho um escritório fora de casa, mas tem dias em que trabalho em home office. Em casa o grande desafio é dividir os ambientes doméstico e corporativo, fazer minha filha entender que não é porque estou aqui que estou disponível. Ao mesmo tempo, quando estou em home, meu horário é mais flexível e não fico sujeita ao stress do trânsito, além de diminuir gastos com transporte”
2.8 Seus filhos ficam em creche, escola ou em casa? Como é a disponibilidade do horário como mãe no seu dia a dia?	“Hoje minha filha tem 13 anos e tem um grau maior de compreensão. Vai de manhã para a escola, o que me dá bastante tempo livre para minhas tarefas. Mas no começo foi bem difícil, pois ela não compreendia que o fato de estar em casa não me tornava disponível

	para ela. Chegou a reclamar com a professora que “a mãe estava em casa, mas não dava atenção para ela”. Hoje percebo que acabou sendo bom para a relação, a qualidade do tempo que passamos juntas é melhor, já que me sinto realizada”
2.9 Quem são as pessoas ou órgãos públicos que te apoiam e de que forma?	“Tenho muito apoio emocional e financeiro do meu marido. E quando preciso que fiquem com minha filha ou mesmo em algum problema doméstico, minha mãe e até minha sogra que mora longe, mas se for preciso, vem até minha casa”
2.10 Alguém da família se opôs à abertura do seu negócio? Se sim, quem foi e como lidou com isso?	“Meus pais se opuseram, pois eu tinha um bom emprego, estável, bom salário, segurança. Minha mãe ligava para minha empregada para saber se estávamos passando fome (risos)”

Parte 3: Sobre a história como empreendedora após a maternidade

3.1 Como avalia o seu dia a dia? Está mais fácil ou mais difícil depois de empreender?	“De forma geral, está mais difícil com relação às responsabilidades que assumi, que são totalmente por minha conta, sem dividir com ninguém. Mas tenho muito mais liberdade geográfica e de tempo”
3.2 Sentiu ou sente algum tipo de dificuldade por conta da idade, sexo? Algum preconceito? Se sim, como lidou com isso?	“Não, nunca passei por nenhuma situação desse tipo”
3.3 Que tipo de pressão sofreu ou sofre por parte da família?	“Não, tenho muito apoio do meu marido e filha e agora também dos meus pais”
3.4 Para você, qual é a definição de ser empreendedora?	“Maior forma de autoconhecimento. É uma grande jornada que me levou ao autoconhecimento me colocando frente aos meus medos, me tirando da zona de conforto. É um grande desafio que traz grandes realizações”
3.5 Qual é o lado negativo de ser empreendedora?	“É difícil ter parceiros que dependem do nosso negócio e depender de um país instável econômica e politicamente. Existem meses muito bons, outros nem tanto. Tudo é muito imprevisível e temos que ter uma condição emocional muito boa. E também saber lidar com a parte financeira para programar de forma a guardar quando sobra para não faltar”
3.6 Quais foram os desafios enfrentados e como lidou com eles?	“Tive muito medo de não dar certo e ter que voltar atrás. Afinal, estava deixando um mundo corporativo seguro. Também tive dificuldade em encontrar os parceiros certos e enfrentei muita burocracia para abertura da empresa, para me colocar no mercado frente

	aos concorrentes que já estavam posicionados”
3.7 O que dificultou sua trajetória até aqui?	“O que dificultou muito pra mim foi principalmente entender que eu era capaz, que conseguiria. Começam a surgir os impasses burocráticos, muitas taxas, legislação, tudo parece se complicar. Mas a persistência vai colocando tudo no lugar. Os parceiros também vão dando o apoio certo e tudo acabou acontecendo”
3.8 O que ajuda a manter sua empresa aberta?	“O apoio do meu marido. Durante um tempo ele teve que manter a casa sozinho e meu salário fazia falta, pois era muito bom”
3.9 O que dificulta a manter sua empresa aberta?	“A carga tributária, muitas taxas, dificuldade de contratação, falta de apoio de instituições financeiras, pouco incentivo governamental, instabilidade do país”
3.10 O que acredita que faz com que seu negócio prospere?	“Entrega, pós-venda, qualidade”
3.11 O que acredita que foram fatores determinantes para o seu sucesso?	“Persistência, inovação”
3.12 Que vantagens ou ganhos obteve após empreender?	“Me tornei mais ousada, corajosa. Fui criada para ser CLT. Acabei criando coragem para outras coisas, até na vida pessoal, percebi que sou capaz de conseguir qualquer coisa”
3.13 Como se vê como empresária?	“Realizadora e visionária”
3.14 Após analisar sua trajetória até aqui, como resumiria suas dificuldades?	“Não é fácil, mas é compensador”
3.15 O que pode afirmar sobre sua satisfação com o seu negócio?	“Sim. Ainda quero melhorar, crescer. Mas estou satisfeita”
3.16 Você se arrependeu de ter empreendido? O que faria diferente?	“Não me arrependi em nada. Talvez eu teria um pouco mais de calma, mas eu só sei disso agora (risos)”
3.17 O que classifica como sendo o maior desafio de uma mulher-mãe empreendedora?	“Acredito que o maior desafio é o de equilibrar a vida profissional e a pessoal, sem culpas”
3.18 O que classifica como tendo sido as maiores oportunidades que teve como empreendedora?	“A oportunidade de contribuir com o meio em que vive. Decidiu sair de onde estava porque sentiu que não contribuía com nada. Se tornou mais segura e independente, realizada e criativa”
3.19 O que aponta como pontos favoráveis e desfavoráveis de ser empreendedora?	“Como pontos favoráveis, a liberdade de fazer acontecer como e quando quer, realizar os sonhos. E desfavoráveis, a insegurança pela incerteza do mercado, do país e o medo do crescimento”
3.20 Que dicas daria para empreendedoras que estão iniciando?	“Que se conectem com sua essência, pois senão o mercado te engole. Façam um planejamento detalhado do que querem alcançar e como. Tenham a certeza do que querem e não deixem ninguém as convencerem do contrário”

3.21 Como enxerga o futuro? O que espera?	“Quero crescer para impactar cada vez mais a vida de milhares de famílias. Quero poder amparar mais e mais famílias”
3.21 O que a incentiva a continuar?	“Os resultados que os alunos têm com os adolescentes, com os filhos. As mães e pais que se redescobrem”
3.22 O que poderia ser diferente que a ajudaria a melhorar?	“Decisões que não tomou por medo”
3.23 A Pandemia que ocorreu pelo Covid 19 teve alguma influência no seu negócio?	“Já era digital, então o formato não mudou, não tive que me adaptar. Mas economicamente sofri um baque, vendi menos. Demorei um tempo a me recuperar”

CATEGORIA	EMPREENDEDORA 4 UNIDADE DE CONTEXTO
Parte 1: Perfil da Respondente	

1.1 Código que será identificada na pesquisa:	“E04”
1.2 Idade	“Atualmente estou com 39 anos”
1.3 Estado Civil	“Casada. E o marido cobra atenção e por conta disso, continua trabalhando depois do trabalho no salão, se desdobrando para dar conta de tudo!”
1.4 Nome do empreendimento	“Michelly Hair” / “Zake Burger”
1.5 Ramo de atividade	“Salão de Cabeleireiro e Alimentação”
1.6 Data de abertura da empresa	“O salão foi aberto em 2017 e a hamburgueria em 14/Julho/2020. (4 anos e 4 meses / 1 ano e 8 meses)”
1.7 Tem funcionários? O que pode dizer a respeito da contratação de funcionários?	“Tenho uma funcionária fixa e mais 6 parceiras autônomas. Os tributos com funcionários são muito grandes, impedem de ter muitos registrados. E o desafio da contratação também é a responsabilidade sobre as pessoas, treinamento etc.”

1.8 Nível de escolaridade	“Segundo grau completo. Não fiz faculdade por falta de oportunidade. Fiz cursos ligados à área da beleza no decorrer do tempo”
1.9 Qual a importância da renda do seu empreendimento no sustento da sua família? O sustento da sua família, depende exclusivamente do seu trabalho?	“Sim, toda a renda familiar vem do meu trabalho, onde meu marido me ajuda”

Parte 2: Sobre a decisão de empreender

2.1 Fale sobre sua história antes do empreendimento	“Eu comecei a trabalhar com 15 anos em uma loja de fotografias. Depois trabalhei como recepcionista em restaurante, sempre sob o regime CLT. Com 16 anos, tive oportunidade em um salão de cabeleireira e aprendi a ser manicure. Lá já me cederam um espaço para atender clientes, mas sem registro e com responsabilidades sobre o pagamento de aluguel e material que eu utilizava. Sempre (desde aquela época), tive vontade de ter meu negócio próprio. Meu pai era comerciante, vendia camarão. E eu me inspirava nele. Com o tempo consegui abrir meu salão. A Hamburgueria veio porque abri a empresa em meu nome, fazendo um favor para um parente, que depois desistiu do negócio e eu resolvi assumir. Mas apesar de ramos diferentes, os desafios são igualmente amplos
2.2 O que a fez tomar a decisão de empreender?	“Como desde os 16 anos eu estava trabalhando em salões de cabeleireiros, já precisando pagar o aluguel referente ao espaço que ocupava e também o valor referente ao material que utilizava, decidir trabalhar por minha conta foi uma questão de necessidade. A vida meio que “me empurrou” para isso. Quando me tornei mãe vi a possibilidade de conciliar a maternidade com a minha

	profissão, com maior flexibilidade de horários.”
2.3 Como começou a empreender? Qual foi seu planejamento inicial?	“Não fiz um planejamento, quando me dei conta, já estava empreendendo. Mas paguei um preço alto por isso, pois por não planejar, acabei alugando um lugar caro demais, contratei profissionais errados. Eu só comecei a me planejar há cerca de dois anos”
2.4 Você utiliza de todas as facilidades que a Internet em seu negócio? De que forma? Para você, foi um desafio ou uma oportunidade?	“Sim, utilizo muito a internet. Tive dificuldades no início para aprender a lidar com os programas. Faço posts e são minha maior fonte de captação pois dou muita atenção às redes sociais. Utilizo muito o Google e Instagram”
2.5 Como lida com as responsabilidades do empreendimento? Divide com alguém os desafios de empreender, tem sócios?	“Não tenho sócios, mas meu marido me ajuda no empreendimento, na parte burocrática, comprar materiais, etc. É bem difícil por não ter com quem dividir o tempo e as responsabilidades. Por exemplo, não consigo programar um período de férias tranquila”
2.6 Recebe auxílio nas tarefas domésticas? Como é formada a sua rede de apoio?	“Recebo auxílio de uma pessoa que trabalha em casa duas vezes por semana. Meu marido e filho também colaboram nas tarefas, apesar da responsabilidade maior ficar comigo”
2.7. Para você, o que significa empreender em casa ou fora de casa?	“Empreende em um ponto fora de casa. Isso é um facilitador pois por 7 anos trabalhou em casa (em frente de casa) e os ambientes se confundiam, pois todos achavam que ela sempre estava “disponível” para as tarefas. O grande desafio nesse ponto foi o aumento das despesas (com aluguel, deslocamento, tempo)”
2.8 Seus filhos ficam em creche, escola ou em casa? Como é a disponibilidade do horário como mãe no seu dia a dia?	“Meu filho de oito anos fica em casa e vai para escola por meio período. Isso é um desafio porque preciso conciliar os horários e a solicitação de atenção”
2.9 Quem são as pessoas ou órgãos públicos que te apoiam e de que forma?	“No salão, quando necessário, quando preciso sair, minha assistente assume.”

	Quando preciso de apoio financeiro, me viro com os cartões de crédito”
2.10 Alguém da família se opôs à abertura do seu negócio? Se sim, quem foi e como lidou com isso?	“Nunca tive ninguém se opondo à abertura do meu negócio. Tanto meu marido quanto meus pais, sempre me apoiaram”

Parte 3: Sobre a história como empreendedora após a maternidade

3.1 Como avalia o seu dia a dia? Está mais fácil ou mais difícil depois de empreender?	“Não posso avaliar como mais fácil ou mais difícil, porque tem as duas faces. O lado positivo é a liberdade de escolher meus horários, tomar minhas decisões. O lado negativo é que se não atender, não ganho”
3.2 Sentiu ou sente algum tipo de dificuldade por conta da idade, sexo? Algum preconceito? Se sim, como lidou com isso?	“Nunca sofri nenhum tipo de preconceito”
3.3 Que tipo de pressão sofreu ou sofre por parte da família?	“Sim, sou cobrada pelo marido e por meu filho para dar mais atenção a eles, à casa. E por minha família para visitá-los mais”
3.4 Para você, qual é a definição de ser empreendedora?	“Para mim, além da realização de um sonho é um estilo de vida, uma escolha de vida e eu indico”
3.5 Qual é o lado negativo de ser empreendedora?	“Até chegar no nível favorável, a doação é muito grande, existe um desgaste muito grande. Além da instabilidade de meses muito bons para outros muito ruins”
3.6 Quais foram os desafios enfrentados e como lidou com eles?	“Contratações erradas, muitos impostos, falta de dinheiro e de ter a quem recorrer (instituições de crédito), falta de conhecimento das leis”
3.7 O que dificultou sua trajetória até aqui?	“Principalmente a falta de planejamento, de preparo”
3.8 O que ajuda a manter sua empresa aberta?	“A ajuda de pessoas do setor, com mais experiência que se dispuseram a me ensinar”
3.9 O que dificulta a manter sua empresa aberta?	“Principalmente as altas taxas de impostos, falta de linhas de crédito,

	taxas bancárias e a instabilidade econômica do país com crises constantes”
3.10 O que acredita que faz com que seu negócio prospere?	“Eu fidelizo meus clientes com encantamento, entregando além do que eles contratam”
3.11 O que acredita que foram fatores determinantes para o seu sucesso?	“Persistência, experiência, estudar a minha área adquirindo mais conhecimento, me aperfeiçoando”
3.12 Que vantagens ou ganhos obteve após empreender?	“Principalmente a realização e maior qualidade de vida em família”
3.13 Como se vê como empresária?	“Como uma visionária, uma mulher forte e decidida, que perdeu o medo e mudou até na vida pessoal”
3.14 Após analisar sua trajetória até aqui, como resumiria suas dificuldades?	“Não foi fácil empreender, mas tive muito crescimento de conhecimento”
3.15 O que pode afirmar sobre sua satisfação com o seu negócio?	“Sim, estou satisfeita, mas ainda quero adquirir mais conhecimento, crescer mais e aprender mais”
3.16 Você se arrependeu de ter empreendido? O que faria diferente?	“De forma alguma. Eu teria tido mais calma, me planejado mais, mas entendo que as coisas aconteceram da forma como foram possíveis naquele tempo e com a experiência que eu tinha”
3.17 O que classifica como sendo o maior desafio de uma mulher-mãe empreendedora?	“Acredito que seja administrar o tempo entre os múltiplos papéis que temos, superar a cobrança que nos impomos de sermos sempre melhores em tudo e conquistarmos nosso espaço em ambientes que ainda são dominados por homens, como em alguns fornecedores, financeiras, etc.”
3.18 O que classifica como tendo sido as maiores oportunidades que teve como empreendedora?	“Aprender mais, ter mais contato com pessoas, me tornar independente financeiramente e nas minhas atitudes, criar mais força”
3.19 O que aponta como pontos favoráveis e desfavoráveis de ser empreendedora?	“Pontos favoráveis são os de ter maior autonomia e a realização. E os desfavoráveis são a insegurança financeira (meses bons e outros nem tanto) e ter que administrar bem o tempo”

3.20 Que dicas daria para empreendedoras que estão iniciando?	“Faça um planejamento criterioso, estude o mercado, estude sobre o que quer empreender”
3.21 Como enxerga o futuro? O que espera?	“Quero que funcione sem mim, para que eu me sinta um pouco mais liberta e possa tirar férias tranquila (risos)”
3.21 O que a incentiva a continuar?	“Os resultados que vejo em cada cliente feliz”
3.22 O que poderia ser diferente que a ajudaria a melhorar?	“Mais ajuda governamental com menos impostos, mais creches, mais instituições com cursos e treinamentos”
3.23 A Pandemia que ocorreu pelo Covid 19 teve alguma influência no seu negócio?	“Sim, pois meu mercado parou. Não tinham casamentos e meu forte são as noivas. Fiquei somente com os serviços básicos (unhas, design, corte). Mas nos reinventamos com atendimento diferenciado, promoções e mantivemo-nos”

CATEGORIA	EMPREENDEDORA 5 UNIDADE DE CONTEXTO
Parte 1: Perfil da Respondente	

1.1 Código que será identificada na pesquisa:	“E05”
1.2 Idade	“33 anos”
1.3 Estado Civil	“Tenho união estável”
1.4 Nome do empreendimento	“T.M. ARTS”
1.5 Ramo de atividade	“Personalização de Produtos”
1.6 Data de abertura da empresa	“22/Junho/2016”
1.7 Tem funcionários? O que pode dizer a respeito da contratação de funcionários?	“Não tenho funcionários. Quando está em casa meu marido me ajuda na empresa também”
1.8 Nível de escolaridade	“Ensino Médio”
1.9 Qual a importância da renda do seu empreendimento no sustento da sua família? O sustento da sua família, depende exclusivamente do seu trabalho?	“Não. Meu marido também trabalha e dividimos as despesas”

Parte 2: Sobre a decisão de empreender

<p>2.1 Fale sobre sua história antes do empreendimento</p>	<p>“Eu trabalhava em recepções de consultórios médicos, mas nunca gostei do que fazia. Eu queria mesmo era estudar e trabalhar com eventos. Nunca tive condições financeiras de estudar. Fazia as festas da família, com o tempo fui fazendo para alguns amigos e hoje tenho oportunidade de trabalhar com isso”.</p>
<p>2.2 O que a fez tomar a decisão de empreender</p>	<p>“Trabalhei desde os 17 anos como recepcionista em consultórios médicos, em regime CLT. Nunca gostei das tarefas que executava, mas por questões financeiras, não tive oportunidade de cursar a faculdade. Meu robe era planejar e preparar as festas familiares, como aniversários, Natal. Gostava de preparar a decoração, as lembrancinhas e com isso fui aprendendo, fazendo cursos, comprando equipamentos. Quando engravidei, vi no empreendedorismo uma forma de conciliar os cuidados com os filhos, com o lado profissional, conquistando a independência financeira que sempre quis”.</p>
<p>2.3 Como começou a empreender? Qual foi seu planejamento inicial?</p>	<p>“Não fiz um planejamento, as coisas foram acontecendo. Como fazia a decoração das festas da família, fui comprando equipamentos, materiais e quando vi já estava preparada”.</p>
<p>2.4 Você utiliza de todas as facilidades que a Internet em seu negócio? De que forma? Para você, foi um desafio ou uma oportunidade?</p>	<p>“Utilizo internet na divulgação, contatos com fornecedores, clientes, cursos. No início foi difícil pois tive que aprender com programas que não conhecia.”.</p>
<p>2.5 Como lida com as responsabilidades do empreendimento? Divide com alguém os desafios de empreender, tem sócios?</p>	<p>“Não tenho sócios, mas tenho parceiros (fornecedores) que me apoiam”</p>
<p>2.6 Recebe auxílio nas tarefas domésticas? Como é formada a sua rede de apoio?</p>	<p>“Sim. Moro com minha sogra e ela não trabalha, então faz as tarefas domésticas e cuida de meus filhos enquanto estão em casa”</p>
<p>2.7. Para você, o que significa empreender em casa ou fora de casa?</p>	<p>“Eu empreendo em casa, com isso tenho menos despesas de deslocamento, menos estresse no trânsito. O desafio é ter que lidar com os ambientes doméstico e profissional que se misturam.”.</p>
<p>2.8 Seus filhos ficam em creche, escola ou em casa? Como é a disponibilidade do horário como mãe no seu dia a dia?</p>	<p>“Meus filhos ficam meio período em casa e vão para a escola à tarde. No período em que ficam em casa, tenho o apoio de minha sogra para cuidar deles, então consigo trabalhar tranquila”</p>

2.9 Quem são as pessoas ou órgãos públicos que te apoiam e de que forma?	“Meu marido, quando não está no trabalho me ajuda. E minha sogra que toma conta dos meus filhos”.
2.10 Alguém da família se opôs à abertura do seu negócio? Se sim, quem foi e como lidou com isso?	“No começo, meus pais achavam que eu ia trocar o certo pelo incerto, já que tinha salário fixo e benefícios”.

Parte 3: Sobre a história como empreendedora após a maternidade

3.1 Como avalia o seu dia a dia? Está mais fácil ou mais difícil depois de empreender?	“A parte difícil é a insegurança. Existem épocas de muitas vendas, outras de quase nenhuma. Essas crises que o país vive atravessando. O lado bom é que tenho um horário mais flexível e posso conciliar melhor as tarefas dos meus filhos, dando mais atenção”.
3.2 Sentiu ou sente algum tipo de dificuldade por conta da idade, sexo? Algum preconceito? Se sim, como lidou com isso?	“Que eu me lembre, não”.
3.3 Que tipo de pressão sofreu ou sofre por parte da família?	“Não sofro. Tenho apoio do meu marido. Às vezes meus filhos acham que por estar em casa, estou disponível e não entendem que não é bem assim”.
3.4 Para você, qual é a definição de ser empreendedora?	“Ser realizada pessoalmente, ser independente, ter autonomia para tomar minhas próprias decisões e não depender financeiramente de ninguém”
3.5 Qual é o lado negativo de ser empreendedora?	“Os impostos muito altos. A instabilidade econômica do país. A dificuldade de contratar mão de obra, pois os salários ficam muito altos por conta dos encargos”.
3.6 Quais foram os desafios enfrentados e como lidou com eles?	“O principal desafio é lidar com a variação das vendas, saber guardar nos meses bons para os meses não tão bons. Manter as contas em dia, com tantos impostos também é difícil. E fazer as pessoas entenderem que o fato de estar em casa, não quer dizer que estou disponível”.
3.7 O que dificultou sua trajetória até aqui?	“Impostos, falta de mão de obra, falta de financiamento bancário/crédito”.
3.8 O que ajuda a manter sua empresa aberta?	“O apoio de fornecedores com quem mantenho uma parceria, meu marido e minha sogra que me ajudam, a persistência que tenho”.
3.9 O que dificulta a manter sua empresa aberta?	“Impostos, falta de mão de obra que é cara, falta de um sócio que divida as responsabilidades comigo e me dê mais tempo para ter uma vida em família. A culpa que tenho por achar que dou pouca atenção”.

	ao meu marido e filhos, mesmo que eles não me cobrem”.
3.10 O que acredita que faz com que seu negócio prospere?	“A qualidade que mantenho, que fideliza meus clientes”.
3.11 O que acredita que foram fatores determinantes para o seu sucesso?	“Persistência, saber escolher bons parceiros de trabalho, como fornecedores por exemplo, me planejar nos dias bons, para suprir os dias não tão bons”.
3.12 Que vantagens ou ganhos obteve após empreender?	“Consegui minha independência financeira, minha autoestima ficou melhor, tenho uma flexibilidade de tempo maior”.
3.13 Como se vê como empresária?	“Como uma mulher forte e independente”
3.14 Após analisar sua trajetória até aqui, como resumiria suas dificuldades?	“Não foi nada fácil, pois como eu disse, tem as dificuldades da instabilidade financeira, culpa por não dar atenção à família, entre outras coisas”.
3.15 O que pode afirmar sobre sua satisfação com o seu negócio?	“Sou muito satisfeita. Quero fazer cursos de aperfeiçoamento, conseguir mais clientes, crescer. Mas estou satisfeita com o que conquistei até aqui”.
3.16 Você se arrependeu de ter empreendido? O que faria diferente?	“Não me arrependi, mas teria planejado mais, me preparado melhor, guardado algum dinheiro”.
3.17 O que classifica como sendo o maior desafio de uma mulher-mãe empreendedora?	“Persistir e não desistir nos momentos de dificuldade, como problemas financeiros, problemas com os filhos doentes, por exemplo, onde a culpa sempre aparece. E se respeitar, respeitar o seu ofício, sabendo que o fato de empreender em casa não tem que torná-la disponível o tempo todo”.
3.18 O que classifica como tendo sido as maiores oportunidades que teve como empreendedora?	“Pude aprender muito, com os contatos que tenho, com a rede de relacionamento que fiz, abri minha mente e hoje pretendo crescer, estudar”.
3.19 O que aponta como pontos favoráveis e desfavoráveis de ser empreendedora?	“Favoráveis, a flexibilidade de tempo, a independência financeira, o fato de poder conciliar a vida materna e profissional. Desfavoráveis, a instabilidade financeira. Quando fico doente por exemplo, se não trabalho, não recebo”.
3.20 Que dicas daria para empreendedoras que estão iniciando?	“Não tenham pressa. Se planejem bem”.
3.21 Como enxerga o futuro? O que espera?	“Espero que haja mais estabilidade no país, que não tenhamos mais surpresas como a pandemia por exemplo. E espero estar mais estabilizada para passar pelas crises que possam surgir”.
3.21 O que a incentiva a continuar?	“Quando vejo o que conquistei, o que tenho hoje em termos de clientes, máquinas, aprendizado, quero continuar”.

3.22 O que poderia ser diferente que a ajudaria a melhorar?	“Poderíamos ter mais incentivo governamental, com menos impostos, mão de obra sem tantos encargos”.
3.23 A Pandemia que ocorreu pelo Covid 19 teve alguma influência no seu negócio?	“Com a pandemia, os eventos pararam, então fiquei por um período sem renda. O que me ajudou foi que meu marido tem emprego em uma empresa, então conseguimos segurar as contas”.

CATEGORIA	EMPREENDEDORA 6 UNIDADE DE CONTEXTO
Parte 1: Perfil da Respondente	

1.1 Código que será identificada na pesquisa:	“E06”
1.2 Idade	“Atualmente estou com 51 anos”
1.3 Estado Civil	“Em união estável”
1.4 Nome do empreendimento	“Perphil Leilões Ltda – ME”
1.5 Ramo de atividade	“Leilões Rurais”
1.6 Data de abertura da empresa	“A última alteração contratual foi em 2007 (15 anos)”
1.7 Tem funcionários? O que pode dizer a respeito da contratação de funcionários?	“Não tenho funcionários. Os impostos não permitem”
1.8 Nível de escolaridade	“Cursei até o segundo ano da faculdade de Administração de empresas. Parei quando engravidei”
1.9 Qual a importância da renda do seu empreendimento no sustento da sua família? O sustento da sua família, depende exclusivamente do seu trabalho?	“Não. Meu marido também trabalha. Dividimos as despesas”

Parte 2: Sobre a decisão de empreender	
--	--

2.1 Fale sobre sua história antes do empreendimento	“Comecei a trabalhar em empresas, em regime CLT com 15 anos de idade. Comecei a pensar em ter meu próprio negócio quando comecei a trabalhar em uma empresa que realizava leilões e percebi que os clientes preferiam falar comigo e que meu patrão abusava do meu trabalho por saber que eu
---	--

	era mãe solteira e precisava muito do emprego”
2.2 O que a fez tomar a decisão de empreender	“Quando meu filho nasceu, vi a oportunidade de conciliar os horários e dar mais atenção a ele. A principal razão foi que o meu patrão na época me assediava moralmente, se aproveitava do fato de que eu era mãe solteira e precisava muito do emprego”
2.3 Como começou a empreender? Qual foi seu planejamento inicial?	“Foi muito de repente, sem planejamento. Eu tinha ficado quatro anos parada, tinha trabalhado como CLT. Quando vi que tinha que tomar uma atitude e fui para cima”
2.4 Você utiliza de todas as facilidades que a Internet em seu negócio? De que forma? Para você, foi um desafio ou uma oportunidade?	“Utilizo a internet o tempo todo, para contatos, propaganda, negociação. Uma dificuldade foi ter que aprender os softwares e programas que até então eu não conhecia.”
2.5 Como lida com as responsabilidades do empreendimento? Divide com alguém os desafios de empreender, tem sócios?	“Não tenho sócios. Tenho alguns parceiros que cuidam da parte comercial. São pessoas jurídicas. Isso facilita muito pois consigo ter controle na tomada de decisões”
2.6 Recebe auxílio nas tarefas domésticas? Como é formada a sua rede de apoio?	“Sim, meu marido me auxilia nas tarefas”
2.7. Para você, o que significa empreender em casa ou fora de casa?	“Eu trabalho dentro de casa. Acredito que seja um facilitador pois não fico restrita aos horários do regime CLT. Mas os ambientes se misturam”
2.8 Seus filhos ficam em creche, escola ou em casa? Como é a disponibilidade do horário como mãe no seu dia a dia?	“Meu filho já é adulto. Quando pequeno ficava em creche e eu me sentia culpada por não ter todo o tempo para ele”
2.9 Quem são as pessoas ou órgãos públicos que te apoiam e de que forma?	“Tenho muito apoio emocional do meu marido e dos meus irmãos. Incentivo mesmo. Mas não encontro apoio das redes ditas como de Apoio aos empreendedores. Não gosto da abordagem geral usada, não conhecem e não procuram conhecer os setores”
2.10 Alguém da família se opôs à abertura do seu negócio? Se sim, quem foi e como lidou com isso?	“Minha mãe achava que eu deveria ter a segurança de uma contratação CLT, com todas as garantias”

Parte 3: Sobre a história como empreendedora após a maternidade

3.1 Como avalia o seu dia a dia? Está mais fácil ou mais difícil depois de empreender?	“Não tem como avaliar dessa forma. O lado melhor é que não tem o desgaste de deslocamento, compromisso com o horário, não lido com pessoas que não quero. Mas tem a instabilidade salarial, do mercado, da economia”
--	--

3.2 Sentiu ou sente algum tipo de dificuldade por conta da idade, sexo? Algum preconceito? Se sim, como lidou com isso?	“Não tive preconceito por idade ou sexo. Sofri o assédio moral por ser mãe solteira”
3.3 Que tipo de pressão sofreu ou sofre por parte da família?	“Não sofro pressão pra dar mais atenção ao lar”
3.4 Para você, qual é a definição de ser empreendedora?	“Realização, liberdade pessoal, financeira, respeito”
3.5 Qual é o lado negativo de ser empreendedora?	“Não ter uma parte financeira segura, com meses bons e outros ruins. Temos que ter um controle financeiro bom para lidar com isso. No meu ramo, de novembro a maio a receita é zero. E também a falta de convivência com outras pessoas no dia a dia”
3.6 Quais foram os desafios enfrentados e como lidou com eles?	“O início, para entrar em um mercado já dominado por concorrentes fortes”
3.7 O que dificultou sua trajetória até aqui?	“Burocracia, limitação de recursos, carga tributária que torna os funcionários muito caros”
3.8 O que ajuda a manter sua empresa aberta?	“A parceria com empresas certas que em certo ponto auxiliam com informações, orientações. A Internet também foi um fator importante, principalmente no período da pandemia pois as transmissões dos leilões foram virtuais”
3.9 O que dificulta a manter sua empresa aberta?	“Principalmente a alta carga tributária, a inconstância financeira, a instabilidade do país e a dificuldade de contratação de mão de obra qualificada”
3.10 O que acredita que faz com que seu negócio prospere?	“As parcerias com empresas corretas, a Internet, a qualidade dos serviços prestados e o fato de meus concorrentes não terem um atendimento tão bom quanto o meu”
3.11 O que acredita que foram fatores determinantes para o seu sucesso?	“Mais uma vez, afirmo que foram as parcerias certas, com empresas corretas. A Internet (em época de pandemia, pois os leilões passaram a ter transmissão virtual e isso possibilitou que nos mantivéssemos). Além disso, a persistência no início, pois abrir um mercado onde já existem concorrentes fortes é bem difícil. O Fato de meu marido ter outra renda também me ajudou muito, por ter esse tempo até tudo começar a caminhar. E não posso deixar de citar o fato de que um fator determinante foi o de ter estudado o mercado e os concorrentes para encontrar novos nichos, inovando sempre”
3.12 Que vantagens ou ganhos obteve após empreender?	“Acredito que principalmente a independência financeira, a realização pessoal e por trabalhar com algo que eu escolhi e que gosto e a melhora da

	qualidade do tempo que passo com minha família”
3.13 Como se vê como empresária?	“Me sinto orgulhosa por ter me tornado independente. Me vejo como uma pessoa forte, que consegue superar obstáculos”
3.14 Após analisar sua trajetória até aqui, como resumiria suas dificuldades?	“Fui sendo conduzida pelas circunstâncias, pelo mercado, então classifico minha trajetória como uma consequência do meu trabalho. Não diria que foi fácil, pois tem os riscos de perder o dinheiro investido, de sair de um emprego seguro, o fato de ter que administrar a instabilidade financeira. Mas acabou acontecendo sem que eu sentisse tanto o peso dos dias”
3.15 O que pode afirmar sobre sua satisfação com o seu negócio?	“Não me imagino fazendo outra coisa”
3.16 Você se arrependeu de ter empreendido? O que faria diferente?	“Não teria arriscado com sócios como no início. Mas não me arrependi de ter empreendido. Só teria planejado melhor tanto administrativamente quanto financeiramente”
3.17 O que classifica como sendo o maior desafio de uma mulher-mãe empreendedora?	“Acredito que seja a administração de tempo, pois se tivemos um foco, misturamos o ambiente de trabalho com o doméstico. Parece que nunca “encerramos o expediente”. Também no meu caso, trabalho em um ambiente que por muito tempo foi dominado por homens e tenho fornecedores e clientes que ainda demonstram desconforto com isso”
3.18 O que classifica como tendo sido as maiores oportunidades que teve como empreendedora?	“Me tornar independente financeiramente, ampliar meu campo de conhecimento, pois me obrigou a estudar, conhecer mais o meu mercado, me relacionar mais com pessoas”
3.19 O que aponta como pontos favoráveis e desfavoráveis de ser empreendedora?	“Pontos desfavoráveis, principalmente não ter segurança financeira (meses bons e outros ruins) e conseguir separar o ambiente doméstico do trabalho. E favoráveis, maior autonomia, realização, independência financeira e a qualidade do tempo em que passo com a família”
3.20 Que dicas daria para empreendedoras que estão iniciando?	“Estudar bem o mercado onde vai atuar, fazer cursos para conseguir administrar o negócio (finanças, contabilidade), conhecer a legislação e ter uma reserva financeira para ter mais tranquilidade”
3.21 Como enxerga o futuro? O que espera?	“Administrativamente eu acho que não melhora, porque a classe não se mexe. Acho que poderiam solicitar mais ajuda dos sindicatos, das instituições financeiras. Promover mais cursos com treinamento tanto de partes administrativas quanto práticas. Também quero expandir para outras raças. Não quero crescer em tamanho, mas em volume de negócios

3.21 O que a incentiva a continuar?	“A autonomia de vida que consegui”
3.22 O que poderia ser diferente que a ajudaria a melhorar?	“Se tivéssemos mais estabilidade econômica, com menor taxa de juros, menos impostos, tributação menor nos salários, maior apoio de entidades para cursos e treinamentos, isso ajudaria bastante”
3.23 A Pandemia que ocorreu pelo Covid 19 teve alguma influência no seu negócio?	“Me ajudou muito, pois os leilões passaram a ser virtuais. Ficou mais fácil administrativamente pois não tem todo o “circo” do presencial. Não tem o transporte dos animais que além de caro, estressa demais os bichinhos. Diminuiu custo de locação de espaços etc.”

CATEGORIA	EMPREENDEDORA 7 UNIDADE DE CONTEXTO
Parte 1: Perfil da Respondente	

1.1 Código que será identificada na pesquisa:	E07
1.2 Idade	“Atualmente estou com 43 anos”
1.3 Estado Civil	“Casada”
1.4 Nome do empreendimento	“MIRIÃ CRISTINA RASE MIOTA – NOME FANTASIA: MILLY LEMBRANCINHAS”
1.5 Ramo de atividade	“Comércio varejista de Suvenires, Bijuterias e Artesanatos”
1.6 Data de abertura da empresa	“A empresa foi aberta em 11/01/2016”
1.7 Tem funcionários? O que pode dizer a respeito da contratação de funcionários?	“Atualmente trabalho sem funcionários, por conta da pandemia. Meu marido me ajuda na empresa, pois trabalha como contador, em home-office, prestando serviço para algumas empresas. Mas isso permite que ele tenha uma flexibilidade de horários, em que consegue me auxiliar. É ruim não ter funcionários pela sobrecarga de trabalho que tenho. Também não tenho com quem dividir o tempo de trabalho. Por outro lado, nunca dei muita sorte com funcionários. Meu trabalho é em grande parte manual e a qualidade de mão de obra tem que ser muito boa”
1.8 Nível de escolaridade	“Estou cursando a faculdade de Teologia”
1.9 Qual a importância da renda do seu empreendimento no sustento da sua família?	“Meu marido é contador e presta serviço para algumas empresas, mas o meu

O sustento da sua família, depende exclusivamente do seu trabalho?	empreendimento representa cerca de 70% de nossa renda”
--	--

Parte 2: Sobre a decisão de empreender
--

2.1 Fale sobre sua história antes do empreendimento	“A minha mãe achava importante ter um emprego com registro, com garantias e consegui com um conhecido, um emprego para mim, em um escritório de contabilidade. Eu não gostava do que fazia e jurei para mim mesma que assim que pudesse, iria trabalhar com o que gostava. Comecei a organizar os eventos da família e de amigos e quando percebi que era isso que gostava, comecei a sonhar em ter minha empresa”.
2.2 O que a fez tomar a decisão de empreender	“Houve uma briga no escritório de Contabilidade onde eu trabalhava e o clima ficou muito pesado. Pedi demissão, pois não conseguia mais me sentir bem no ambiente. Pedi demissão e aí decidi que iria trabalhar com o que gosto. Quando me tornei mãe vi a oportunidade de conciliar os filhos e o trabalho.”
2.3 Como começou a empreender? Qual foi seu planejamento inicial?	“Foi acontecendo. Não deu tempo de me planejar. Foi como se a vida fosse me empurrando (risos)”
2.4 Você utiliza de todas as facilidades que a Internet em seu negócio? De que forma? Para você, foi um desafio ou uma oportunidade?	“Utilizo a internet o tempo todo. 85% dos contatos são feitos por whats app, Facebook, Instagram, tive que me acostumar com os programas e me atualizar sempre. Assim como propaganda. Isso me trouxe muito mais oportunidades, tanto de divulgação, quanto para trabalhar de casa”
2.5 Como lida com as responsabilidades do empreendimento? Divide com alguém os desafios de empreender, tem sócios?	“Não tenho sócios. Nunca encontrei alguém em que pudesse confiar totalmente. Meu marido me auxilia na empresa”
2.6 Recebe auxílio nas tarefas domésticas? Como é formada a sua rede de apoio?	“Recebo auxílio nas tarefas domésticas, do meu marido e das minhas filhas. Se precisar de ajuda na mão de obra da empresa, eles ajudam também”
2.7. Para você, o que significa empreender em casa ou fora de casa?	“Por causa da pandemia passou a empreender em casa. Isso é ruim pois mistura muito o trabalho e a vida pessoal. Tenho sempre a sensação de que “não saí do trabalho”. A família (pais, irmãos) também não entendem. Minha mãe trabalhava como cuidadora de algumas crianças e quando precisava, não entendia que eu estava trabalhando, por estar em casa. Queria que eu fosse para lá, para ficar com elas”

2.8 Seus filhos ficam em creche, escola ou em casa? Como é a disponibilidade do horário como mãe no seu dia a dia?	“Minhas filhas sempre ficaram meio período em casa e meio período na escola. A maior dificuldade é para que entendam que o fato de estar em casa, não quer dizer que estou disponível. E também é uma dificuldade a culpa que sinto em não me disponibilizar o tempo todo. A parte boa é de estar por perto numa hora de “aperto”, podendo dar suporte e “vigiar” as necessidades delas de perto”
2.9 Quem são as pessoas ou órgãos públicos que te apoiam e de que forma?	“Sempre tive muito apoio de parceiros de eventos, que me ensinavam, emprestavam equipamento. E também de clientes que me indicavam para outras pessoas. Nunca tive uma rede de apoio entre amigos por exemplo. E nunca pude contar com redes de apoio como Sebrae por exemplo. Disponibilizam cursos que considero engessados, não são voltados para a minha área. Pelo menos nunca tive informações diferentes sobre isso.”
2.10 Alguém da família se opôs à abertura do seu negócio? Se sim, quem foi e como lidou com isso?	“Meus pais se opuseram, pois achavam que eu só estaria segura em contratação CLT. Minha mãe me colocou para trabalhar em um escritório de Contabilidade. Fiquei lá por 16 anos e foram os anos mais infelizes da minha vida. Ficava presa, não podia usar minha criatividade”

Parte 3: Sobre a história como empreendedora após a maternidade

3.1 Como avalia o seu dia a dia? Está mais fácil ou mais difícil depois de empreender?	“Depois de empreender, meu dia a dia está mais desafiador. Mais fácil porque trabalho com algo que gosto. Mas mais difícil porque preciso manter o negócio, fazer com que os clientes sempre voltem. Tem a parte financeira que é muito insegura, com meses muito bons, outros nem tanto. Esse controle financeiro é muito difícil. Guardar quando sobra para os dias em que faltar”
3.2 Sentiu ou sente algum tipo de dificuldade por conta da idade, sexo? Algum preconceito? Se sim, como lidou com isso?	“Não senti preconceito por ser mulher, porque meu trabalho envolve em grande parte o público feminino. Mas senti preconceito por questões de classe social. Por ter uma empresa pequena, sem um grande nome no mercado, alguns clientes achavam que eu não faria um bom trabalho”
3.3 Que tipo de pressão sofreu ou sofre por parte da família?	“Já sofri por parte dos meus pais e irmãos, que me cobravam visitas, que eu fosse almoçar lá por exemplo. Eu me sentia impotente e mais uma vez me cobrava”

3.4 Para você, qual é a definição de ser empreendedora?	“Satisfação por conseguir alcançar meu objetivo de trabalhar em algo que me dê prazer”
3.5 Qual é o lado negativo de ser empreendedora?	“No meu negócio, tenho muitas dificuldades com um certo público que é o de noivas e bebês, porque tenho que lidar com as Mães delas (risos). O lado negativo de empreender é a falta de apoio financeiro, de instituições bancárias por exemplo. A carga tributária que impede contratações, pois os salários ficam dobrados. E a instabilidade financeira”
3.6 Quais foram os desafios enfrentados e como lidou com eles?	“Já tive muitos desafios, como aprender a conciliar a vida doméstica com o trabalho, aprender a administrar o tempo (dividir o tempo), administrar a culpa por não dar atenção aos filhos, marido, família. Também períodos de crise econômica, além da instabilidade financeira. Para lidar com eles não tive uma “receita”, as coisas iam acontecendo e eu ia vivendo um dia por vez”
3.7 O que dificultou sua trajetória até aqui?	“Principalmente a carga tributária, a falta de mão de obra especializada e as dificuldades financeiras”
3.8 O que ajuda a manter sua empresa aberta?	“O apoio do meu marido e filhas e uma rede de parceiros muito boa (empresas fornecedoras e clientes)”
3.9 O que dificulta a manter sua empresa aberta?	“A burocracia (muitas vezes surgem Leis que desconhecemos), os impostos, falta de mão de obra”
3.10 O que acredita que faz com que seu negócio prospere?	“A qualidade que faz com que os clientes me indiquem (boca a boca), a minha determinação. Em momentos de pandemia por exemplo, me reinventar, inovar”
3.11 O que acredita que foram fatores determinantes para o seu sucesso?	“Determinação, foco. Persistência. O fato de meu marido ter outra renda, o que me dá uma certa tranquilidade de ter pelo menos as despesas fixas cobertas. A Internet, que me propicia a oportunidade de trabalhar de casa”
3.12 Que vantagens ou ganhos obteve após empreender?	“Maior realização, qualidade de vida em família, principalmente porque trabalho com o que gosto, o que me dá mais pique. Independência financeira”
3.13 Como se vê como empresária?	“Me sinto independente, o que é bom. Mas me sinto solitária, pois nós empreendedoras, não temos respaldo financeiro do governo por exemplo, não vejo cursos acessíveis para treinamento de funcionários. Não tenho segurança para tirar férias por exemplo”
3.14 Após analisar sua trajetória até aqui, como resumiria suas dificuldades?	“Não é fácil empreender em um país sem estabilidade econômica e política, com carga tributária enorme e muito burocrático, desde

	a abertura da empresa até na administração dela”
3.15 O que pode afirmar sobre sua satisfação com o seu negócio?	“Estou satisfeita, mas quero ainda crescer, expandir para outras áreas e principalmente me firmar para ter mais tempo para mim e para minha família. Ter algum sócio por exemplo, com quem dividir tarefas e tempo”
3.16 Você se arrependeu de ter empreendido? O que faria diferente?	“Não me arrependi, mas se fosse iniciar hoje, iria com mais cautela, estudaria mais o mercado, investiria menos em estoque por exemplo. Faria um planejamento maior e estudaria para ter mais conhecimentos em administração, legislação”
3.17 O que classifica como sendo o maior desafio de uma mulher-mãe empreendedora?	“Conciliar a família e o trabalho é um desafio, pois temos que administrar a culpa. Lidar com os múltiplos papéis que a criação e a sociedade nos impõem. Administrar o tempo. Lidar com as dificuldades financeiras, instabilidade econômica, mudanças no papel social”
3.18 O que classifica como tendo sido as maiores oportunidades que teve como empreendedora?	“Aprendi muito mais pois me forcei a conhecer legislação, conceitos de administração. Me tornei mais independente”
3.19 O que aponta como pontos favoráveis e desfavoráveis de ser empreendedora?	“Favoráveis, maior autonomia e realização. Desfavoráveis, não ter a segurança CLT”
3.20 Que dicas daria para empreendedoras que estão iniciando?	“Para terem certeza do que querem e para fazerem um planejamento apurado”
3.21 Como enxerga o futuro? O que espera?	“Gostaria de ampliar meus negócios e para isso preciso de mais ajuda governamental, com uma maior estabilidade política e econômica, incentivo de instituições financeiras, redução de impostos. Pretendo também fazer cursos na minha área”
3.21 O que a incentiva a continuar?	“Ver de onde saí e aonde cheguei. Ver que consigo manter minha família com meu negócio”
3.22 O que poderia ser diferente que a ajudaria a melhorar?	“Menor carga tributária, conseguir um sócio para dividir tarefas, tempo e responsabilidades. Mais treinamento acessível para mão de obra”
3.23 A Pandemia que ocorreu pelo Covid 19 teve alguma influência no seu negócio?	“A pandemia foi um divisor de águas no meu empreendimento. Eu encerrei o trabalho com decoração e foquei nas lembrancinhas, convites. Foi positivo porque tive a oportunidade de inovar, remanejar o trabalho”

CATEGORIA	EMPREENDEDORA 8 UNIDADE DE CONTEXTO
Parte 1: Perfil da Respondente	

1.1 Código que será identificada na pesquisa:	E08
1.2 Idade	“Atualmente estou com 45 anos”
1.3 Estado Civil	“Divorciada”
1.4 Nome do empreendimento	“Cheiro da Oca”
1.5 Ramo de atividade	“Produtos Naturais para Pets”
1.6 Data de abertura da empresa	“A empresa foi aberta em 10/11/2017”
1.7 Tem funcionários? O que pode dizer a respeito da contratação de funcionários?	“Não tenho funcionários, pois a mão de obra é muito cara por causa dos encargos e também é muito difícil encontrar pessoas especializadas”.
1.8 Nível de escolaridade	“Superior completo”
1.9 Qual a importância da renda do seu empreendimento no sustento da sua família? O sustento da sua família, depende exclusivamente do seu trabalho?	“Sou divorciada e as despesas com meus três filhos, que moram comigo, são divididas entre eu e meu marido”.

Parte 2: Sobre a decisão de empreender

2.1 Fale sobre sua história antes do empreendimento	“Com 18 anos trabalhava no posto de gasolina da minha mãe. Depois me formei em Administração de Empresas e me especializei em RH por imposição dela. Até o dia em que percebi que precisava pensar por mim, ou seria infeliz o resto de minha vida”.
2.2 O que a fez tomar a decisão de empreender	“Sempre segui muito o que sua mãe determinava, nunca tive voz ativa ou consegui fazer valer aquilo que queria, enquanto era mais jovem. Cursei Administração de Empresas por imposição da minha mãe, me especializei em Recursos Humanos e trabalhei nessa área por um bom tempo. Quando me casei, veio a cobrança para ser a dona de casa perfeita. Quando me tornei mãe, a cobrança aumentou e fui me deprimindo, vendo que nunca tinha tido a

	<p>alegria de trabalhar em algo que realmente gostava. Mas a culpa por querer ter uma carreira e priorizar isso ao invés dos filhos, era gritante. Foi então que após um período de depressão, resolvi que precisaria mudar</p> <p>por mim e pelos filhos e fui cursar nutrição, algo que ela sempre quis. Com isso, os conflitos familiares aumentaram e uma forma que eu vi de conciliar a vida de mãe com a profissional, foi abrindo o meu próprio negócio, para ter maior flexibilidade de horários e uma autonomia de decisões maior.</p>
2.3 Como começou a empreender? Qual foi seu planejamento inicial?	“Não fiz planejamento, foi meio que de acordo com as circunstâncias. Cursei Nutrição, uma amiga estava abrindo a Cheiro da Oca e me convidou e entrei de cabeça”
2.4 Você utiliza de todas as facilidades que a Internet em seu negócio? De que forma? Para você, foi um desafio ou uma oportunidade?	“A Internet é uma das principais ferramentas, utilizo para captar clientes, divulgação, procurar fornecedores”.
2.5 Como lida com as responsabilidades do empreendimento? Divide com alguém os desafios de empreender, tem sócios?	“Tenho uma sócia e isso é muito bom, pois tenho com quem dividir as responsabilidades e também o tempo. Posso sair de férias tranquila por exemplo”.
2.6 Recebe auxílio nas tarefas domésticas? Como é formada a sua rede de apoio?	“Não tenho auxílio, fica tudo por minha conta”
2.7. Para você, o que significa empreender em casa ou fora de casa?	“Tenho um escritório em casa, mas também saio para contatos com clientes e fornecedores”.
2.8 Seus filhos ficam em creche, escola ou em casa? Como é a disponibilidade do horário como mãe no seu dia a dia?	“Ficam na parte da manhã na escola e depois das 13hs, ficam em casa. Isso é difícil pois acham que por estar em casa, estou disponível”.
2.9 Quem são as pessoas ou órgãos públicos que te apoiam e de que forma?	“Não recebo muito apoio. Minha mãe acha que eu não deveria ter empreendido, então não torce para dar certo. Meu ex-marido não acredita no meu empreendimento e não se esforça para ficar mais com as crianças”.
2.10 Alguém da família se opôs à abertura do seu negócio? Se sim, quem foi e como lidou com isso?	“Minha mãe achava que eu deveria continuar em empresa privada, em regime CLT que é mais seguro. Meu marido não queria que eu trabalhasse”.

3.1 Como avalia o seu dia a dia? Está mais fácil ou mais difícil depois de empreender?	“Existem dias mais difíceis, quando as contas não batem ou por exemplo em época de pandemia. Mas existem dias mais fáceis, quando consigo por exemplo ir à uma apresentação de minha filha na escola, pois eu que faço meu horário”.
3.2 Sentiu ou sente algum tipo de dificuldade por conta da idade, sexo? Algum preconceito? Se sim, como lidou com isso?	“Não, nunca tive esse tipo de problema”
3.3 Que tipo de pressão sofreu ou sofre por parte da família?	“Meus filhos me cobram muita atenção. Minha família acha que tenho que estar sempre disponível, para almoços na casa dos irmãos por exemplo. Meu ex-marido pensa que como trabalho em casa, posso resolver tudo a qualquer hora”.
3.4 Para você, qual é a definição de ser empreendedora?	“Ser uma lutadora. Mas ter orgulho de fazer o que gosto”
3.5 Qual é o lado negativo de ser empreendedora?	“A cobrança que eu mesma me imponho de ter que dar atenção aos meus filhos, mesmo que não me cobrem. Existe uma eterna culpa em relação a isso. E também o fato de ter uma instabilidade financeira muito grande”.
3.6 Quais foram os desafios enfrentados e como lidou com eles?	“O primeiro foi a mudança de carreira. Depois, enfrentar mãe, marido, para iniciar um negócio que eu não sabia se daria certo. Tem a questão financeira, insegura. Muitos impostos, mão de obra cara. Além das crises constantes pelas quais o país passa”.
3.7 O que dificultou sua trajetória até aqui?	“O medo de não dar certo. Os impostos, a insegurança financeira, a falta de apoio dos familiares”
3.8 O que ajuda a manter sua empresa aberta?	“As novas formas de Lei que as MEI's têm, ajudou a desburocratizar muito. E a experiência de fazer um planejamento frequente. Também existem muitos cursos na Internet que auxiliam”.
3.9 O que dificulta a manter sua empresa aberta?	“Falta de apoio quando preciso de recursos financeiros por exemplo. Os bancos não dão muito apoio. A carga tributária”
3.10 O que acredita que faz com que seu negócio prospere?	“A rede de apoio que formei de clientes e fornecedores que sempre se socorrem”
3.11 O que acredita que foram fatores determinantes para o seu sucesso?	“Persistência, apoio de minha sócia, a qualidade dos nossos serviços e inovação sempre”

3.12 Que vantagens ou ganhos obteve após empreender?	“Maior reconhecimento, consegui também maior credibilidade entre as pessoas do meu convívio. Me sinto mais forte e segura”
3.13 Como se vê como empresária?	“Corajosa e hoje mais realizada”
3.14 Após analisar sua trajetória até aqui, como resumiria suas dificuldades?	“Para mim nunca foi fácil, pois não tive quem acreditasse em mim. Mas estou superando”.
3.15 O que pode afirmar sobre sua satisfação com o seu negócio?	“estou satisfeita. Quero ampliar a rede de clientes, aumentar minha participação no mercado, mas estou muito satisfeita”.
3.16 Você se arrependeu de ter empreendido? O que faria diferente?	“Não me arrependi. Mas teria me preparado melhor, feito uma reserva financeira”.
3.17 O que classifica como sendo o maior desafio de uma mulher-mãe empreendedora?	“Principalmente acreditar em seu potencial e lidar com a culpa, porque somos criadas para assumirmos toda a responsabilidade com casa e filhos e isso pesa muito”.
3.18 O que classifica como tendo sido as maiores oportunidades que teve como empreendedora?	“Pude aprender muito mais, me tornar independente. Ter mais voz ativa”.
3.19 O que aponta como pontos favoráveis e desfavoráveis de ser empreendedora?	“Favoráveis, maior flexibilidade de tempo, maior autonomia nas decisões. Desfavoráveis, a instabilidade financeira, a carga tributária, a dificuldade de contratação de mão de obra e lidar com a culpa de dividir as atenções dos filhos com o trabalho”.
3.20 Que dicas daria para empreendedoras que estão iniciando?	“Para não ter pressa e se programarem melhor. Também seria bom fazerem uma reserva financeira para os tempos mais difíceis”.
3.21 Como enxerga o futuro? O que espera?	“Pretendo estudar e me aperfeiçoar mais e ampliar meu negócio, com maior participação de mercado”.
3.21 O que a incentiva a continuar?	“Quando vejo minhas conquistas, vejo a mulher que sou hoje, com outra autoestima, mais corajosa, mais inteligente, isso me incentiva”.
3.22 O que poderia ser diferente que a ajudaria a melhorar?	“Maior apoio do Governo, com instituições para auxiliar financeiramente, com crédito e financiamentos. Menos impostos, menor carga tributária em salários. Mais creches”.
3.23 A Pandemia que ocorreu pelo Covid 19 teve alguma influência no seu negócio?	“Com a pandemia, a empresa cresceu. Vimos que as pessoas precisavam cuidar de seus pets e através de serviços <i>online</i> conseguimos atender à demanda”.